



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Locais de estágio:

Escola Secundária Gabriel Pereira

Agrupamento de Escolas nº4 de Évora

- EB 2,3 Conde de Vilalva
- EB1 Jardim de Infância do Bacelo



185368

Ano Lectivo 2009/2010

Realizado por:

Nuno Maria Caeiro Lobo

Orientadora do Relatório: Mestre Ana Cruz Ferreira

Outubro 2010

Agradecimentos

De uma forma geral, agradeço a todas as pessoas que directa ou indirectamente contribuíram para a realização do meu estágio.

Dirijo o meu sincero reconhecimento às Escolas: Escola Secundária Gabriel Pereira; Escola EB 2,3 Conde Vilalva e EB1 e Jardim de Infância do Bacelo, Direcção e Funcionários que me integraram e sempre esclareceram as minhas dúvidas, em particular aos Docentes orientadores Mestre Ana Cruz Ferreira e aos Professores Isabel Gancho e Sérgio Magalhães.

RESUMO

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada / Educação Física / Escola Secundária Gabriel Pereira / EB 2,3 Conde Vilalva / EB 1 Jardim de Infância do Bacelelo.

Este trabalho tem por base o relato de um ano lectivo 2009/2010 de Prática de Ensino Supervisionada (PES) para a especialidade do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, leccionado na Universidade de Évora e contribui para a avaliação do mesmo.

O estágio foi realizado no agrupamento de Escolas nº 4 de Évora – EB 2,3 Conde de Vilalva; EB1 Jardim de Infância e Escola Secundária Gabriel Pereira, abrangendo os três ciclos de aprendizagem dando assim cumprimento à exigência curricular.

Relata de forma sucinta a preparação científica, pedagógica e didáctica desde o conhecimento do currículo, do conteúdo e dos alunos. Desenvolve de forma fundamentada a planificação, condução de aulas e avaliação das aprendizagens. Faz uma análise das actividades desenvolvidas como professor de uma disciplina e como participante activo na escola e na comunidade escolar. Tenta fundamentar as estratégias, metodologias e decisões tomadas. Por último, realiza uma análise da prática de ensino.

O que foi constatado nesta pequena experiência foi uma prática mais consciente e um respeito maior, por nós mesmo, enquanto profissional da educação, e pelos alunos, enquanto sujeitos activos no processo de ensino/aprendizagem.

Titulo - Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Title - Report of Supervised Teaching Practice

ABSTRAT

Key words: Physical Education / Internship / Master in Teaching

This work is based on the report of an academic year 2009/2010 Supervised Teaching Practice (PES) for the specialty Master's degree in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Schools, taught at the University of Évora and contribute to the evaluation the same.

The group stage was held at school nº 4 EB 2,3 Conde Vilalva e Kindergarten and Secondary school Gabriel Pereira, covering the three cycles of learning thus fulfilling the curricular requirement.

Reports briefly the scientific training and didactic knowledge from the curriculum the content and pupils. Develop and informed opinion to planning, conducting classes and learning assessment. Makes and analyses of the activities as a teacher of a discipline and as an active participant in school and school community. Try the strategies, methodologies and decisions. Finally makes an analysis of teaching practice.

What was found on this little experiment was a more conscious practice and a greater respect for ourselves as professional education, and students as active participants in the teaching / learning.

SUMÁRIO

	f
1. INTRODUÇÃO	9
2. PREPARAÇÃO CIENTÍFICA; PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA	11
2.1. CONHECIMENTO DO CURRÍCULO	11
2.1.1. <u>Finalidade e competências essenciais</u>	11
2.1.2. <u>Orientações dos Programas Nacionais de EF</u>	13
2.1.3. <u>Avaliação em educação física</u>	16
2.2. CONHECIMENTO DO CONTEÚDO	20
2.2.1. <u>Caracterização das escolas</u>	20
2.3. CONHECIMENTO DOS ALUNOS	22
3. PLANIFICAÇÃO, E CONDUÇÃO DE AULAS E AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGENS	25
3.1. PLANIFICAÇÃO DAS AULAS	25
3.2. CONDUÇÃO DAS AULAS	40
3.3. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS	48
4. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA	52
4.1. ACTIVIDADES EXTRA-LECTIVAS	52
4.1.1. <u>Prova de BTT - Escola Conde Vilalva</u>	52

4.1.2. <u>Corrida Solidária - Escola Conde Vilalva</u>	53
4.1.3. <u>Tag Rugby – Escola Gabriel Pereira</u>	53
4.2. ANALISE DAS ACTIVIDADES EXTRA-LECTIVAS	54
5. ANÁLISE DA PRÁTICA DE ENSINO	57
6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL	60
7. CONCLUSÃO	63
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
<u>ANEXOS</u>	68
Anexo 1 – <u>Estrutura do Plano de aula</u>	69
Anexo 2 – <u>Plano de uma aula</u>	70
Anexo 3 – <u>Ficha de avaliação inicial de Andebol</u>	71
Anexo 4 – <u>Ficha de Observação dos colegas</u>	72
Anexo 5 – <u>Ficha de registo da avaliação formativa</u>	73
Anexo 6 – <u>Quadro resumo da avaliação sumativa</u>	74

FIGURAS

Fig. 1 - <u>Interacção do processo de análise adaptado de GARGANTA, J</u>	48
---	----

QUADROS

Quadro 1 – <u>Composição Curricular</u>	26
Quadro 2 – <u>Planeamento por Etapas versus Planeamento por Blocos</u>	31
Quadro 3 – <u>Extensão da Educação Física do Programa de EF 3º CEB</u>	44
Quadro 4 - <u>Ficha de opções de avaliação</u>	45

TABELAS

Tabela 1- <u>Plano anual 12º Ano Escola Secundária Gabriel Pereira</u>	36
Tabela 2 - <u>Plano anual 8º Ano 1ª Etapa - Escola EB 2,3 Conde Vilalva</u>	37
Tabela 3 - <u>Plano anual 8º Ano 2ª Etapa - Escola EB 2,3 Conde Vilalva</u>	38
Tabela 4 - <u>Plano anual 8º Ano 3ª Etapa - Escola EB 2,3 Conde Vilalva</u>	39

ABREVIATURAS

BTT = Bicicleta Todo o Terreno

CNEB = Currículo Nacional Ensino Básico

EB = Escola Básica

EF = Educação Física

JI = Jardim de Infância

PES = Prática de Ensino Supervisionada

PN = Programas Nacionais

PNEF = Programas Nacionais de Educação Física

UE = Unidades de Ensino

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), no quinto ano da antiga Licenciatura em Educação Física e para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, leccionado na Universidade de Évora e contribui para a avaliação do mesmo.

O estágio decorreu no ano lectivo 2009/2010 no agrupamento de Escolas nº 4 de Évora – EB 2,3 Conde de Vilalva; EB1 Jardim de Infância e Escola Secundária Gabriel Pereira, abrangendo os três ciclos de aprendizagem, dando assim cumprimento à exigência curricular.

O presente trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo é feita a apresentação dos locais de estágio, focando a caracterização das escolas e dos alunos que nos foram atribuídos concretamente das turmas do 12º, 8º, 5º anos e do 1º ciclo e Jardim de Infância.

O segundo capítulo destina-se ao estágio propriamente dito, à integração nas escolas e as actividades por nós desenvolvidas, descritas de forma detalhada e fidedigna. Enumeraremos a planificação e condução das aulas e avaliação das aprendizagens.

A Educação Física conforme o programa EF 3º Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB 2001 p.4) pode definir-se como *“a apropriação das habilidades técnicas e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores, (bens de personalidade que representam o rendimento educativo), proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de actividade física adequada – intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa.”*

A observação pode ser vista sobre dois prismas: observação do comportamento/atitude dos alunos e observação da atitude do professor, como líder e exemplo a seguir. A observação é uma técnica muito flexível e abrangente na medida que permite ao observador recolher uma diversidade de informações. Na

observação dos alunos esta deve ser cuidadosamente estruturada e planeada, permitindo ao observador a recolha de evidências significativas que garantam a qualidade da sua análise e interpretação (Lopes).

Na análise das actividades desenvolvidas que ocupa todo o terceiro capítulo são abordados dois factores, a prática de ensino, a participação na Escola e as consequentes dificuldades/sugestões relativamente ao estágio. Ao avaliarmos o nosso trabalho, estamos a questionar a sua validade, o significado que ele tem para nós, para os sujeitos com quem trabalhamos e para a comunidade da qual fazemos parte e que estamos construindo. No último capítulo fazemos uma reflexão de alguns contributos que considero importantes para o desenvolvimento das minhas competências profissionais e para o desenvolvimento pessoal e profissional. Neste capítulo tentamos traduzir o resultado de algumas reflexões sobre a “pouca” prática como pretendentes a professor, de algumas inquietações e conformidade com algumas situações do quotidiano escolar.

Escrever sobre a experiência vivida no quotidiano da escola e da sala de aula é escrever sob o olhar de quem tem uma prática pedagógica e é movido por uma necessidade de compreender o contexto da sala de aula, ou o contexto escolar de uma forma mais ampla. Esta análise é o resultado de muitas questões que fazemos continuamente, pretende ser um diálogo entre a prática e a teoria, na tentativa de obter respostas a estas questões.

Por fim, na conclusão, é feita uma consideração final sobre a realização deste estágio.

Em suma, este relatório surge como suporte teórico ao estágio e tem como objectivos dar a conhecer ao leitor os locais de estágio; descrever as actividades realizadas, essencialmente as relacionadas com a Prática do Ensino Supervisionada (PES) e reflectir sobre a importância das actividades desenvolvidas e de que forma contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional.

2. PREPARAÇÃO CIENTÍFICA; PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA

Foram atribuídas duas Escolas: Escola Secundária Gabriel Pereira e a Escola do Agrupamento nº4 de Évora – EB 2,3 Conde Vilalva, para acompanhamento dos alunos de uma turma 12º e do 8º anos, respectivamente, durante todo o ano lectivo e ainda pertencendo ao mesmo Agrupamento atribuíram uma turma do 2º ano da EB1 e JI do Bacelo para leccionação de dez aulas no 2º semestre, de forma a cumprir a exigência curricular de englobar os três ciclos de aprendizagem.

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa ciência é conjunto de conhecimentos fundados sobre princípios certos. Pedagogia é a ciência de ensinar e didáctica é a arte de ensinar com método os princípios de uma ciência ou as regras e preceitos de uma arte. Com base nestes conceitos foi feita uma pesquisa bibliográfica de forma a melhor fundamentar quer a prática quer este trabalho.

2.1. CONHECIMENTO DO CURRÍCULO

2.1.1. Finalidade e competências essenciais

Segundo o CNEB sobre as competências essenciais para o docente de Educação Física refere que, a Educação Física enquanto área curricular, estabelece um quadro de relações com as que com ela partilham os contributos fundamentais para a formação dos alunos ao longo da escolaridade. Considerando portanto um percurso educativo como o combate ao analfabetismo motor, que deverá estar completamente erradicado nos nossos jovens no fim da escolaridade básica, a partir da progressiva integração de um conjunto de atitudes, capacidades conhecimentos e hábitos no âmbito da Educação Física.

A grande finalidade da Educação Física é alcançar qualidade de vida, saúde e bem-estar.

Como competências essenciais do Ensino Básico de Educação Física, Pomar (2009/2010) refere que *“no final do ensino básico os jovens deverão estar alfabetizados em termos motores através do desenvolvimento integrado de atitudes, de capacidades de conhecimentos e de hábitos.”*

No Ensino Básico de EF as competências essenciais são:

- Melhorar a aptidão física
- Promover a aprendizagem dos conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas
- Assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes actividades físicas:
 - Actividades físicas desportivas nas dimensões técnica, táctica, regulamentar e organizativa
 - Actividades físicas expressivas (danças) nas dimensões técnicas, de composição e interpretação
 - Actividades físicas de exploração da natureza
 - Jogos tradicionais e populares
- Promover o gosto pela prática regular das actividades físicas
- Promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos valorizando a:
 - Iniciativa, responsabilidade pessoal, cooperação e solidariedade
 - Ética desportiva
 - Higiene e segurança pessoal e colectiva
 - Consciência cívica na preservação do ambiente

O docente de Educação Física deve, segundo o CNEB (2001) desenvolver juntos dos seus alunos competências tais como: cooperação com outros em tarefas e projectos comuns; criar autonomia e responsabilidade dos alunos na realização e regulação da sua própria actividade; promover o relacionamento interpessoal e de grupo; criatividade; desenvolver capacidades de tomadas de decisões e resolução de problemas, deve também promover estilos de vida saudáveis e a responsabilização dos alunos quanto à segurança pessoal e colectiva.

As características das situações de aprendizagem da Educação Física do Ensino Básico devem ser:

- Inclusivas
- Quantidade e qualidade de prática
- Significativas (desafiantes)
- Agradáveis

- Variadas
- Clima de cooperação, entreatajuda, respeito, sentido de responsabilidade e iniciativa.

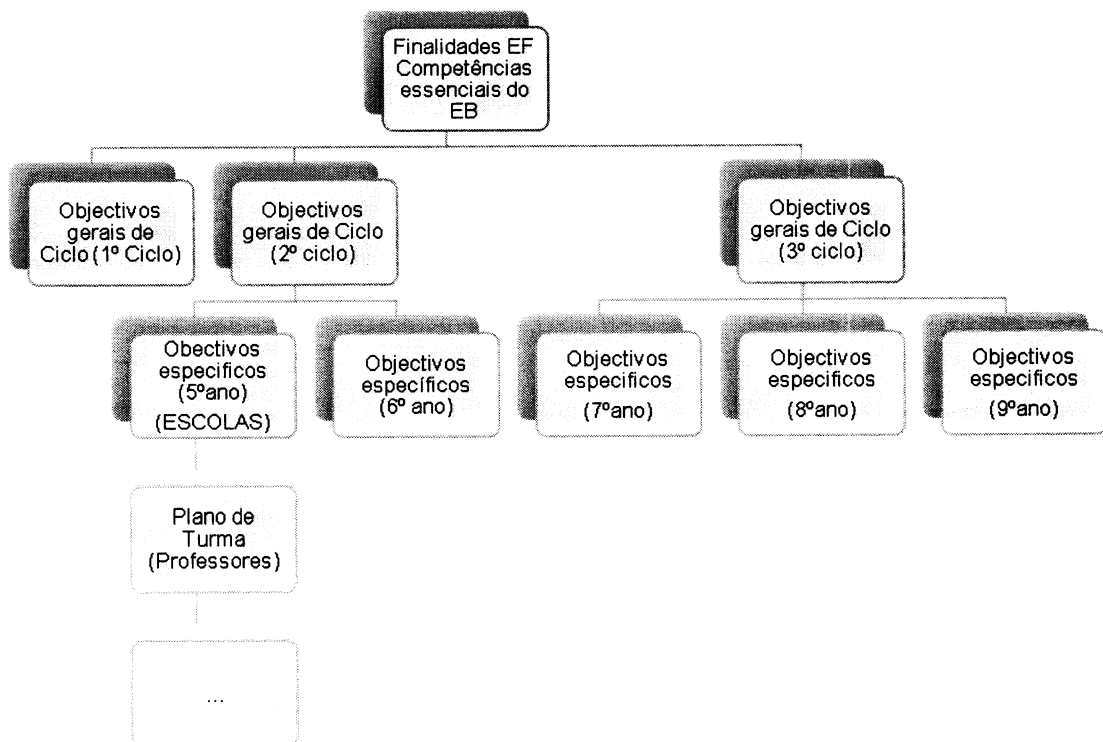
2.1.2. Orientações dos Programas Nacionais de EF

Os Programas Nacionais de EF são “guias” e referenciais para a acção do/a Professor/a (Pomar, 2010a).

Compete às escolas organizar o percurso e as exigências educativas ao longo dos anos de cada ciclo, tendo sempre como referência os objectivos do ciclo.

Contudo é ao Professor/a que cabe a responsabilidade de escolher e aplicar as soluções pedagógicas e metodologicamente mais adequadas, para que os efeitos da actividade do/a aluno/a correspondam aos objectivos dos programas.

O seguinte organograma descreve a hierarquia da Composição curricular da EF.



A educação física, segundo Pomar (2010a) compõe-se de matérias nucleares, referência obrigatória para as escolas e matérias alternativas, a adoptar localmente, de acordo com as características próprias ou condições especiais existentes em cada escola.

A especificação do Programa EF abrange três níveis de tratamento de cada uma das matérias:

- I. *Introdutório* – habilidades, técnicas e conhecimentos que representam a aptidão específica de base (os fundamentos);
- II. *Elementar* - discriminação dos conteúdos constituintes do domínio da matéria nos seus elementos principais e já com carácter mais formal;
- III. *Avançado* - estabelece os conteúdos e formas de participação nas actividades típicas da matéria, correspondentes ao nível superior (surge geralmente como programa alternativo).

No 1º ciclo estabelece-se a formação das competências fundamentais em cada área da EF.

No 5º ano inclui a revisão das matérias, aperfeiçoamento e/ou recuperação dos alunos, assegurando as bases de desenvolvimento posterior.

No 9º ano mantém-se a mesma função do 5º ano tendo por referência a realização equilibrada e completa do conjunto de competências previstas para o 3.º ciclo.

No ensino secundário, concretamente no 10.º ano, continua com revisões/reforço, no sentido dos alunos não só poderem avançar em determinadas matérias (ou experimentar actividades alternativas), mas também para compensar ou recuperar os alunos/turmas em áreas em que revelam mais dificuldades (ano em que se mantêm os objectivos do 9º ano).

No 11º e 12º ano admite-se, como regra geral, a escolha dos alunos/turma pelas matérias em que preferirem aperfeiçoar-se, sem se perder a variedade e a possibilidade de desenvolvimento ou «redescoberta» de outras actividades, dimensões ou áreas da EF.

As Escolas têm autonomia para realizar um ajustamento dos programas de forma a adaptar às características da escola e dos alunos. Estas decisões podem ser colectivas se forem ao nível da escola e do grupo/departamento de Educação Física (Projecto de EF das escolas) ou decisões individuais se forem do professor tendo em conta a especificidade da turma.

As decisões colectivas (Grupo/ Departamento EF) segundo Pomar (2010), ainda podem ser:

- Decisões ao nível do currículo dos alunos;
- Decisões ao nível dos recursos temporais;
- Decisões ao nível dos recursos materiais
 - “Roulement” um “mal” necessário! Critérios a considerar no sistema de rotatividade pelos espaços da escola
 - Objectivos dos programas para cada ano de curso
 - Características das diferentes etapas ao longo do ano lectivo
 - Caracterização das possibilidades de cada espaço
- Decisões ao nível dos recursos humanos (planos de formação, formação recíproca...).

Quanto às orientações metodológicas dos PNEF (2001) o Plano de turma deve obedecer ao princípio da especificidade, isto é, todos os alunos devem ter oportunidade de lhes serem aplicados processos e estratégias distintas, em função das suas possibilidades pessoais, para conseguirem evoluir nas competências prioritárias das matérias de cada ano.

A avaliação formativa (inicial e contínua) é fundamental para seleccionar e definir os objectivos prioritários e reajustá-los ao longo do ano (anexo 5).

São ainda orientações metodológicas dos PNEF (2001), o Plano de turma deve:

- Definir de forma articulada os objectivos das várias matérias nucleares, de acordo com decisões do Departamento de Educação Física, dados da avaliação inicial;
- Prever não só o desenvolvimento das competências motoras das várias actividades físicas como também o desenvolvimento das capacidades motoras;
- Objectivos relativos à área dos conhecimentos deverão ser previstos de forma articulada com os restantes (podendo haver lugar a aulas teóricas e actividades de pesquisa);

- Objectivos deverão ser explicitados aos alunos e “negociados” os prazos para a sua concretização

No Plano de turma devem ainda estar contemplados requisitos tais como:

- Na organização dos processos de aprendizagem de cada matéria aplica-se o princípio: *a actividade é tão global quanto possível e tão analítica quanto necessário.*
- Prever períodos de “*aprendizagem concentrada*” e outros de “*aprendizagem distribuída*” (por vezes há alunos que necessitam de mais tempo de aprendizagem numa determinada matéria)
- Diferenciação de objectivos operacionais e actividades formativas para alunos/sub-grupos distintos: *Actividades tão colectivas quanto possível e tão individualizadas (ou diferenciada por grupos) quanto necessária.*
- Prever as situações de agrupamentos homogéneos e heterogéneos.

2.1.3. Avaliação em educação física

Avaliar significa *determinar o valor de, compreender, apreciar, prezar* (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

Avaliar também significa verificar a consecução de objectivos previamente definidos ou observar, descrever, apreciar, interpretar, reflectir e julgar e tomar decisões.

A principal função de avaliar é ajudar a promover ou a melhorar a formação dos alunos e o sucesso escolar e educativo.

Segundo Peralta (2002) avaliação é a recolha sistemática de informação sobre a qual se possa formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisões.

A recolha refere-se a técnicas de avaliação (*múltiplas e diversas fontes, com os instrumentos adequados*)

A informação refere-se ao sujeito e objecto da avaliação (*Sobre quem? Sobre o quê?*)

O juízo de valor refere-se aos critérios (*apreciação fundamentada*)

Por último as decisões referem-se às funções da avaliação (*qual a razão da recolha?*)

No Despacho normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro rectificado pelo Despacho nº 6/2010 de 19 de Fevereiro quanto ao enquadramento da avaliação/ambito refere no ponto:

2. A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

3 -A avaliação visa:

a) Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;

b) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa;

c) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

Quanto ao objecto, no mesmo Despacho, no ponto:

4 -A avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas de cada ciclo, expressas no projecto curricular de escola e no projecto curricular de turma, por ano de escolaridade.

5 -As aprendizagens de carácter transversal e de natureza instrumental, nomeadamente no âmbito da educação para a cidadania, da compreensão e expressão em língua portuguesa e da utilização das tecnologias de informação e comunicação, constituem objecto de avaliação em todas as disciplinas e áreas curriculares.

6 -A avaliação das aprendizagens e competências assenta nos seguintes princípios:

a) Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, de acordo com os contextos em que ocorrem

b) Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados;

c) Primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de auto-avaliação regulada e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa;

d) Valorização da evolução do aluno;

e) Transparência e rigor do processo de avaliação, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adoptados;

f) Diversificação dos intervenientes no processo de avaliação

O Sistema Educativo expressa o seguinte:

1. Valorizar o carácter formativo da avaliação. O processo de avaliação deve evidenciar os aspectos que necessitam ser melhorados e os modos de superar as dificuldades, tomando como linha de partida os interesses e as aptidões dos alunos
2. Valorizar a diferenciação pedagógica e a adequação/integração da avaliação aos projectos curriculares de escola e de turma
3. Valorizar a utilização de diversificados modos e instrumentos de avaliação adequados à natureza das diferentes aprendizagens (conhecimentos, atitudes e competências)

Segundo Pomar (2010b) numa perspectiva analítica avaliar a(s) competência(s) significa/implica:

- Competências como unidades parciais em que cada uma pode ser avaliada persi.
- Avalia-se a soma das partes, a soma dos diversos saberes-fazer
- Instrumentos de avaliação mais fechados (e.g. observação de desempenhos em exercícios-critério pré-determinados)

Numa perspectiva holística:

- A competência é uma construção complexa e integrada de conhecimentos, capacidades, procedimentos e atitudes
- Avalia-se o saber-agirem situação, a aplicação e o transfer das aprendizagens
- Instrumentos de avaliação mais abertos (e.g. observação em situação de jogo formal)

Segundo Peralta (2002) *“Avaliar competência (s) implica observar os alunos na realização das actividades tão próximas quanto possível de situações autênticas, usando para tal um conjunto de instrumentos que permitam a recolha de evidências sobre o desenvolvimento (geral ou parcial) das competências do aluno ou sobre a sua demonstração em situação”*.

As diferentes formas de avaliação deverão:

- Incidir sobre o que se revelou mais relevante no currículo
- Fazer parte integrante do processo de ensino e aprendizagem (Pomar, 2010b).

No Despacho normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro rectificado pelo Despacho nº 6/2010 de 19 de Fevereiro quanto à avaliação sumativa o nº 24 refere *“A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.”*

Como orientações nos Programas para a avaliação em Educação Física referem ainda:

- Objectivos de ciclo são as principais referências no processo de avaliação dos alunos
- O grau de sucesso ou desenvolvimento do aluno no curso da EF corresponde à qualidade revelada na interpretação prática das competências (que decorrem dos objectivos gerais) nas situações características (inscritas na própria definição dos objectivos como por exemplo: jogo 3x3, percurso, composição, etc).
- Os critérios de avaliação determinados pela escola, departamento de EF e pelo professor permitirão determinar esse grau de sucesso.

Quanto à especificidade dos programas irão ser desenvolvidos no capítulo da planificação das aulas e consoante os ciclos de aprendizagem das turmas atribuídas.

2.2. CONHECIMENTO DO CONTEÚDO

Este capítulo faz uma breve caracterização das escolas por ciclos de aprendizagem das turmas atribuídas e não por ordem cronológica das actividades realizadas,

Em 1986, através do Decreto-Lei nº 211-B/86 de 31 de Julho, os pais e os representantes das autarquias passaram a integrar os conselhos consultivos das escolas e os pais também o conselho pedagógico. Com o Decreto-Lei nº 172/91 de 10 de Maio, os pais, os representantes das autarquias e, até, outros representantes da sociedade (interesses sociais, económicos e culturais) passam a integrar o órgão de direcção: o conselho de escola. Estes decretos vão alterar a fronteira da escola passando assim a um sistema aberto com a comunidade. Segundo Teixeira (1995) a intervenção da escola no meio deve realizar-se a três níveis: por acção directa da escola; por acção dos professores e mediante a formação dada aos alunos.

2.2.1. Caracterização das escolas

A Escola Básica 1º Ciclo e Jardim de Infância fica situada no Bairro do Bacelo, faz parte do agrupamento nº 4, inaugurada no início do presente ano lectivo. Os recursos existentes eram espaço exterior e Ginásio.

A EB 2,3 Conde Vilalva situa-se no bairro das Pites, um dos bairros da cidade de Évora onde se assiste a uma grande expansão populacional. A escola pertence ao Agrupamento nº 4 constituído por sete jardins-de-infância (sendo um deles poli itinerante), seis escolas do 1º ciclo e uma escola do 2º e 3º ciclo, distribuídos um pouco por todo o concelho de Évora.

As escolas que constituem o agrupamento nº 4 são:

1. Jardim de infância da Azaruja;
2. Jardim de infância da Graça do Divor;
3. Jardim de infância de N^a Sr. ^a de Machede;
4. Jardim de infância dos Canaviais;
5. Jardim de infância Pólo Itinerante de S.M. de Machede;

6. EB do 1º CEB da Azaruja;
7. EB do 1º CEB de Canaviais;
8. EB do 1º CEB de Graça do Divor;
9. EB do 1º CEB de N. S. de Machede;
10. EB do 1º CEB de S. Miguel de Machede;
11. EB do 1º CEB do Bairro do Frei Aleixo;
12. EB do 1º CEB e Jardim de Infância do Bacelo

A EB 2,3 Conde Vilalva, em Évora, fica localizada um pouco distante do centro da cidade, cerca de 1,5 km, num bairro habitacional, da freguesia do Bacelo. A escola está vocacionada para receber os alunos provenientes desta freguesia e das freguesias rurais que constituem o agrupamento.

A Escola Conde Vilalva tem sessenta e três turmas, e cerca de mil e quinhentos alunos. Engloba nove anos de Ensino, do 1º ao 9º ano.

Os encarregados de educação têm, predominantemente, o 2.º ou 3.º ciclo do ensino básico. Quanto às áreas profissionais, são maioritariamente trabalhadores por conta de outrem, efectivos ou contratados. O nível sócio-económico das famílias é essencialmente médio-baixo. Quanto aos apoios socioeducativos, constatamos que o nível sócio-económico das famílias é revelador de algumas carências.

A população discente é relativamente homogénea, por isso, não se verifica impacto de diversidade linguística ou étnica. O agrupamento conta com cerca de 30 alunos estrangeiros. Para estes alunos, foram direccionadas medidas ao abrigo do Despacho 50/2005.

Em relação ao abandono escolar dos alunos, apesar de não ser muito significativo, é um factor de preocupação constante neste agrupamento.

A escola dispõe de dezanove salas de aula (ensino geral), quinze salas específicas (EVT, EV, ET, EM, Laboratórios de CN e FQ, salas destinadas aos cursos de Educação e Formação), uma sala de informática e uma biblioteca/centro de recursos; possui ainda um pavilhão gimnodesportivo. Além disso tem gabinetes de apoio aos departamentos curriculares, Serviços Técnico Pedagógicos, Directores de Turma, Secretaria e Conselho Executivo.

No que diz respeito a recursos materiais a escola possui material actualizado e adequado às necessidades.

De acordo com os dados fornecidos, constatamos que o quadro docente é muito estável. A maioria tem quinze ou mais anos de experiência, pelo que o agrupamento não tem os problemas adjacentes à mobilidade dos docentes.

A globalidade dos docentes é assídua, por este motivo, a organização de actividades não é afectada.

A Escola Secundária Gabriel Pereira, situa-se em Évora e têm como recursos físicos: vários blocos com dois pisos, sala de professores, bar, secretaria, papelaria, reprografia, biblioteca, polivalente, campos de jogos, ginásio, recreio, jardins e cantina.

A acessibilidade da escola é boa com transportes urbanos, pode considerar-se uma escola segura, têm trinta e um funcionários não docentes, setenta e sete professores para cerca de mil alunos, contemplando também alunos com necessidades educativas especiais.

2.3. CONHECIMENTO DOS ALUNOS

Na EB 1 e Jardim de infância do Bacelo o orientador foi o Prof. Sérgio Magalhães e a Prof.^a Sandra Castanho, responsável da disciplina Expressão e Educação Física-Motora. A turma atribuída, do 2º ano, era constituída por vinte alunos, treze do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos de idade. Nesta turma havia um aluno, com sete anos, com necessidades educativas especiais.

Na EB 2,3 Conde Vilalva o orientador foi o Prof. Sérgio Magalhães e foi atribuída uma turma do 8º ano, num total de dezassete alunos, com uma média de idades de quinze anos, variando dos catorze aos dezasseis anos, e moda de quinze anos. Era uma turma participativa, e colaboradora, embora dois elementos, considerados líderes pelos colegas, desviavam por vezes a atenção da turma.

Na Escola Secundária Gabriel Pereira a orientadora foi a Prof. Isabel Gancho. A turma atribuída, do 12º ano, tinha vinte e cinco alunos com uma média de idades de 17,3 anos variando dos dezasseis aos vinte e um anos, e moda de dezassete anos. É uma turma que pertence ao curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades.

Era uma turma participativa, com iniciativa, dinâmica e interessada. Havia uma aluna com deficiência auditiva total e conseqüentemente com comunicação verbal pouco perceptível, o que também exigiu desenvolver competências de comunicação alternativa, de modo a receber informação de retorno.

Segundo, Paim e Rossi (2008) num trabalho de investigação sobre o perfil psicológico de estudantes na faixa etária de 15 – 17 anos praticantes de actividade física, concluíram que foram observados no sexo feminino valores médios mais elevados no traço extroversão-introversão e instabilidade emocional, quando comparados aos estudantes do sexo masculino.

Quanto ao temperamento, notaram que 54% dos adolescentes apresentaram tendência ao temperamento colérico (impaciente, possui iniciativa, teimoso, tem movimentos rápidos e facilmente se irrita); 24% possuem tendência ao temperamento sanguíneo (alegre, sociável, persistente, energético e autoconfiante); 16% apresentam tendência ao temperamento melancólico (triste e mal humorado, pessimista, reservado e insociável) e 6% dos adolescentes possuem tendência ao temperamento fleumático (passivo, calmo, e de sangue frio, cuidadoso e controlado).

A partir desses resultados, poderam inferir que os adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino, participantes do estudo, caracterizaram-se, na sua maioria, por apresentarem comportamentos extrovertidos e serem instáveis nas suas reações e emoções, tendo perfil de pessoas com o temperamento colérico e sanguíneo, o que confirma a literatura da área, a qual refere que as pessoas com tendência a temperamento colérico e sanguíneo dão preferência à prática de desportos colectivos, como andebol, basquetebol, voleibol, futsal, entre outros.

Seguindo a proposta destes autores, os professores de Educação Física podem ter a oportunidade de conhecer psicologicamente os seus alunos e, a partir desse conhecimento, organizar as suas aulas de acordo com as necessidades e

preferências dos estudantes, conseguindo assim, maior envolvimento e motivação dos alunos. Constatou-se que os alunos de turma do 8º ano da Escola Conde Vilalva e do 12º ano da Escola Gabriel Pereira estavam de acordo com o perfil psicológico. A organização das actividades foi feita de forma a melhorar a motivação e a obter um maior envolvimento da parte dos mesmos.

3. PLANIFICAÇÃO, E CONDUÇÃO DE AULAS E AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGENS

Apesar do estágio ter dado início cerca de um mês após o começo do ano lectivo, ainda tivémos oportunidade de organizar e planear os conteúdos programáticos da disciplina de Educação Física para as turmas que nos foram atribuídas.

Para além das actividades escolares que estão contidas nos Programas Nacionais de Educação Física, nomeadamente: futebol; andebol; ginástica; voleibol; atletismo; basquetebol; dança, foram ainda propostas outras actividades, extra-lectivas, a desenvolver na EB 2,3 Conde Vilalva tais como a Corrida Solidária e uma prova de BTT.

O núcleo da PES teve ainda a oportunidade de propôr ao Departamento de Educação Física da Escola Secundária Gabriel Pereira, actividades extra-lectivas, um projecto de “Tag Rugby”, com formação e sensibilização de professores de várias escolas do Distrito de Évora e abrangendo todos os alunos de Educação Física da escola supra referida para o ensino e prática do Rugby.

Na tentativa de sistematizar a informação, as actividades desenvolvidas foram divididas em dois capítulos. Neste, especificamente as actividades lectivas, descrição da planificação, condução das aulas e avaliação das aprendizagens nas várias turmas. No seguinte, as actividades extra-lectivas, incluídas no capítulo da participação na escola que planeámos em grupo e que englobaram todas as turmas de cada escola.

3.1. PLANIFICAÇÃO DE AULAS

A arte de ensinar é algo que *“se afasta de receitas, fórmulas ou algoritmos, requer improvisação, espontaneidade, o lidar com múltiplas possibilidades relativas à forma, ao estilo, à cedência, ao ritmo e à adequabilidade de modo tão complexos que mesmo os computadores seriam incapazes de o fazer”* (Arends 1995, p 3).



Para planificação das aulas de acordo com o Programa de Educação Física do Ensino Secundário (Cursos gerais e Cursos Tecnológicos) do Ministério da Educação – Departamento do Ensino secundário (2001), tivémos em conta a composição curricular dos três ciclos, demonstrada no quadro seguinte, de modo a melhor enquadrar o conhecimento/ desenvolvimento dos alunos nos vários níveis de aprendizagem.

Quadro 1 – Composição Curricular

1º CICLO		MATÉRIAS	2º CICLO	3º CICLO	10º ANO	11º/12º ANOS
JOGOS <i>(INTRODUTÓRIO)</i>	JOGOS <i>(ELEMENTAR)</i>	JOGOS	AVANÇADO		-	-
		FUTEBOL	ELEMENTAR	PARTE AVANÇADO	PARTE AVANÇADO	JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS <i>(AVANÇADO)</i>
		VOLEIBOL	PARTE ELEMENTAR	PARTE AVANÇADO	PARTE AVANÇADO	
BASQUETEBOL	INTRODUTÓRIO	PARTE AVANÇADO	PARTE AVANÇADO			
PERÍCIAS E MANIPULAÇÕES	GINÁSTICA	ANDEBOL	PARTE INTRODUTÓRIO	ELEMENTAR	ELEMENTAR	GINÁSTICA OU ATLETISMO
		GIN. SOLO	PARTE ELEMENTAR	PARTE AVANÇADO	PARTE AVANÇADO	
		GIN. APARELHOS	PARTE ELEMENTAR	ELEMENTAR+PARTE AVANÇADO	ELEMENTAR+PARTE AVANÇADO	
DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS	PATINAGEM <i>(INTRODUTÓRIO)</i>	GIN. ACROBÁTICA	-	PARTE ELEMENTAR	ELEMENTAR	<i>(AVANÇADO)</i>
		GIN. RÍTMICA	INTRODUTÓRIO			
		ATLETISMO	INTRODUTÓRIO	PARTE AVANÇADO	PARTE AVANÇADO	
PERCURSOS NA NATUREZA	PERCURSOS NA NATUREZA	RAQUETAS	<i>(RAQUETAS MADEIRA)</i>	ELEMENTAR	ELEMENTAR	<i>(AVANÇADO)</i>
		PATINAGEM	PARTE ELEMENTAR	ELEMENTAR	ELEMENTAR	DANÇA
		DANÇA	PARTE ELEMENTAR	ELEMENTAR	ELEMENTAR	<i>(AVANÇADO)</i>
DANÇA <i>(INTRODUTÓRIO)</i>	DANÇA <i>(INTRODUTÓRIO)</i>	ORIENTAÇÃO	<i>(Percursos na Natureza)</i>	INTRODUTÓRIO		
		J. TRADICIONAIS	-	<i>(PROGRAMA DE ESCOLA)</i>	<i>(PROG. ESCOLA)</i>	
		LUTA	INTRODUTÓRIO	<i>(Desportos de Combate)</i>		
		MATÉRIAS ALTERNATIVAS	AFÉROGICA, CAMPSMO/PIONEIRISMO, CANDAGEM, CICLOGRSSE/CICLOTURISMO, CORFEBOL, CORRIDAS EM PATINS, DANÇAS SOCIAIS, DANÇAS TRADICIONAIS PORTUGUEAS, GOLFE, HÓQUEI EM PATINS, HÓQUEI EM CAMPO, JOGO DO PAU, JUDO, MONTANHISMO/ESCALADA, NATACIÃO, ORIENTAÇÃO, PRANCHA À VELA, RAQUELI, SOFTEBOL/BASEBOL, TENIS DE MESA, TENIS, BADMINTON, TIRO COM ARCO, VELA, etc			

No 1º ciclo de aprendizagem, EB 1 e Jardim de infância do Bacelo, quanto às expectativas da turma do 2º Ano, alunos com sete e oito anos, era de esperar que demonstrassem atitudes de grande motricidade, por vezes confundido com hiperactividade. Segundo Netto (2007) são instáveis, cansando-se rapidamente da mesma actividade e querendo passar para outra.

Acrescenta ainda, que as crianças de sete anos exigem com impaciência a atenção e ajuda do professor e tendem a procurar carinho no mesmo.

Assim, podemos considerar que as expectativas não foram diferentes do que se constatou na realidade. Considerámos que o comportamento destes alunos foi o adequado ao desenvolvimento físico e psico-motor da sua faixa etária.

Desta turma também fazia parte um aluno com necessidades educativas especiais, com sete anos, mas dado o carácter da disciplina, este não se destacava dos restantes alunos, conseguindo atingir com maior ou menor dificuldade as tarefas por mim solicitadas.

Nas dez sessões lectivas do 1º Ciclo, foram seguidas as orientações do Ministério de Educação. Quanto à organização curricular e programas a actividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstracções e operações cognitivas inscritas nos programas de outras áreas, preparando-os para a sua abordagem ou aplicação. Estas evidências justificam a importância crucial desta área, no 1º Ciclo, como componente inalienável da Educação. Este programa assegura, também, condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interacção com os colegas e ainda pode favorecer a adaptação ao contexto escolar.

Segundo o Manual de Educação Física (1992 p. 1.1) o programa de Expressão e Educação Física-Motora é, *“no 1º Ciclo do Ensino Básico, a referência fundamental para o desenvolvimento global do aluno, na valorização da motricidade com estimulação das capacidades, construção e aperfeiçoamento das aptidões”*.

Uma “boa aula”, refere o Manual de Educação Física (1992 p. 1.3), entre outras características deve: *“manter os alunos, muito tempo, em actividade motora, para isso a aula deve ser bem organizada, decorrendo em bom ritmo, sem “tempos de espera”; seleccionar exercícios adequados às necessidades e possibilidades dos alunos, constituindo um desafio à sua superação (os alunos só aprendem o que não sabem e só aperfeiçoam o que já sabem fazer); variar as solicitações aos alunos, com tipos de habilidades diferentes; criar clima de aula agradável, de forma que os alunos demonstrem prazer e gosto pelas actividades participando de forma empenhada”*.

Segundo Pomar (2008) ao seleccionar tarefas motoras, nestas idades, o *critério fundamental é considerar a variabilidade e hierarquização das tarefas motoras, a capacidade de interpretação e de desempenho perceptivo-motor e não a intensidade do esforço*, assim, devem ser:

- *Atractivas* (nível atracção - componente afectivo-emocional)
- *Compreensíveis* (nível de interpretação - componente cognitiva)

- *Adequadas à capacidade de execução motora* dos alunos (nível de desempenho motor-componente psicomotora)

Ainda, deve-se conciliar o fácil (sucesso) com o difícil (possibilitar a evolução) e por último também a ludicidade deve ser uma preocupação constante e o denominador comum dos vários tipos e tarefas.

Após leitura e análise do programa do 1º Ciclo constante no programa escolar as aulas incluíram os blocos: Perícias e Manipulações e Deslocamentos e Equilíbrios.

Do bloco “Perícias e Manipulações” foram realizados exercícios com:

- Bolas
 - ❖ Habilidades com bolas;
 - ❖ Recepção da bola;
 - ❖ Lançamento de precisão;
 - ❖ Drible;
 - ❖ Lançamento à distância;
 - ❖ Lançamento e recepção;
 - ❖ Rolamento da bola;
 - ❖ Pontapé de precisão;
 - ❖ Pontapé à distância;
 - ❖ Toques de sustentação;
 - ❖ Cabeceamento;
 - ❖ Passe e recepção;
- Arcos
 - ❖ Habilidade com Arcos;
 - ❖ Rotação do arco (movimento de pião);
 - ❖ Rolar o arco.
- Cordas
 - ❖ Agilidade/pliometria (saltos)
 - ❖ Trabalho de coordenação de pés e mãos
 - ❖ Lateralidade

Do bloco “Deslocamentos e Equilíbrios”, foram trabalhados os seguintes temas:

- Noção do corpo;
- Lateralidade;
- Equilíbrios unipedal, bipedal, dinâmicos e estáticos;
- Organização espaço-temporal;
- Associação de estímulos visuais ou auditivos a acções motoras;
- Deslocamentos e equilíbrios gerais;
- Rastejar;
- Rolar;

- Saltar;
- Quedas.

Foram ainda realizados alguns jogos, tais como:

- Jogos infantis - jogo do toque e foge;
- Roda do lenço e cabra cega.

Estes temas foram seleccionados dentro dos temas que constam no Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico, concretamente do 2º Ano e tendo em conta os recursos materiais existentes na escola.

Os objectivos propostos foram:

- Controlar a bola em várias partes do corpo por acções motoras básicas (rolar, lançar, receber, pontapear);
- Receber a bola com as duas mãos, após lançamento à parede, evitando que caia ou toque outra parte do corpo;
- Lançar uma bola em precisão a um alvo fixo, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos;
- Lançar uma bola em precisão a um alvo móvel, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos;
- Driblar com cada uma das mãos, em deslocamento, controlando a bola para manter a direcção desejada;
- Driblar, alto e baixo, com as mãos esquerda e direita, em deslocamento, sem perder o controlo da bola;
- Lançar uma bola à distância com “a mão melhor” (a mão mais forte) e com as duas mãos, para além de uma marca;
- Lançar para cima (no plano vertical) uma bola (grande) e recebê-la com as duas mãos acima da cabeça (o mais alto possível) e perto do solo (o mais baixo possível);
- Rolar a bola, nos membros superiores e nos membros inferiores (deitado) unidos e em extensão, controlando o seu movimento pelo ajustamento dos segmentos corporais;
- Pontapear a bola em precisão a um alvo, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio;
- Pontapear a bola à distância, para além de uma marca, com um e outro pé; dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio;

- Fazer toques de sustentação de uma bola, com os membros superiores e a cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola;
- Fazer toques de sustentação para o companheiro, com as mãos, antebraços e ou cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola, para a devolver;
- Cabecear um bola (lançado por um companheiro a “pingar”), posicionando-se num ponto de queda da bola, para a agarrar a seguir com o mínimo de deslocamento;
- Passar a bola a um companheiro, com as duas mãos (passe “picado”, a “pingar”, ou de “peito”) consoante a sua posição e ou deslocamento. Receber a bola com as duas mãos, parado e em deslocamento;
- Receber a bola, controlando-a com o pé direito ou esquerdo e, passá-la colocando-a ao alcance do companheiro;
- Conduzir a bola dentro dos limites duma zona definida, mantendo-a próximo dos pés

Realizar habilidades gerais com arco;

- Rolar o arco com pequenos “toques” à esquerda e à direita; controlando-o na trajectória pretendida;
- Rodar o arco no solo; segundo o eixo vertical, saltando para dentro dele antes que finalize a sua rotação

Realizar habilidades gerais com corda;

- Saltar à corda no lugar e em progressão, com coordenação global e fluidez de movimentos.

Os objectivos para os exercícios do bloco de Deslocamentos e equilíbrio foram:

- Utilizar o próprio corpo em habilidades gerais e variadas de deslocamento com equilíbrio;
- Rastejar deitado dorsal e ventral, em todas as direcções, movimentando-se com o apoio das mãos e dos pés;
- Rolar sobre si próprio em posições diferentes, nas principais direcções e nos dois sentidos;

Ao dar início ao estágio nas EB 2,3 Conde Vilalva e Escola Secundária Gabriel Pereira foi realizada uma reunião com o professor orientador de cada escola, da

qual participámos, onde elaborámos o planeamento anual de turma de acordo com a distribuição dos espaços e os horários correspondentes às turmas.

Tal como consta no Programa de Educação Física 3º CEB (2001, p22), um dos modos de organização do plano anual de turma estabelece-se “*um modo de funcionamento em que a sequência de abordagem das “modalidades” é determinada pelo esquema de “rotação” das turmas pelos espaços de aula (“roulement”), e em que o tratamento de uma matéria em cada turma circunscreve-se ao “bloco” de aulas que lhe são distribuídas no espaço correspondente a essa matéria. Assim, a periodização da actividade não resulta, como seria desejável, da interpretação que o professor faz das características dos seus alunos (das suas possibilidades e prioridades, “ditadas” pela avaliação inicial) mas sim, dos horários e da definição à priori da circulação da turma pelas instalações.*” Facto, que se constatou nas duas Escolas.

Durante este estágio pedagógico poderíamos optar por três tipos de planeamentos, segundo Rosado (2002): por etapas, por blocos ou misto, no entanto sabíamos à partida que tínhamos vantagens e desvantagens na escolha de um, como demonstrado no quadro nº 2.

Quadro nº 2 - Planeamento por Etapas versus Planeamento por Blocos (adapt. Rosado 2002)

VANTAGENS	
Planeamento por Etapas	Planeamento por Blocos
<p>Respeita o ritmo de aprendizagem de cada um dos alunos;</p> <p>As matérias são organizadas ao longo de todo o ano lectivo, e são intercaladas entre si;</p> <p>Mais transferes positivos entre umas matérias e outras;</p> <p>Estabelecimento de metas a atingir;</p> <p>Conhecimento por parte dos alunos da sua situação nas diferentes matérias</p> <p>Mais participativo o processo ensino-aprendizagem;</p> <p>Maior motivação, mais diversidade de matérias.</p>	<p>As melhorias numa determinada matéria observam-se mais rapidamente.</p>

DESVANTAGENS	
Planeamento por Etapas	Planeamento por Blocos
<p>Maior esquecimento dos alunos em determinadas matérias devido a não terem aulas seguidas sobre a mesma matéria.</p>	<p>Unidade didáctica: Conjunto de aulas sobre a mesma matéria desportiva</p> <p>Aulas geralmente monotemáticas (um só desporto)</p> <p>Número reduzido de matérias.</p> <p>As aquisições de uma unidade didáctica não são tratadas nas restantes.</p>

Após conversa com os nossos orientadores e análise do PNEF a escolha recaiu sobre o Planeamento por Etapas, uma vez que os PNEF o recomendam. Por outro lado, julgamos que este “respeita” o aluno em todo o percurso do processo de ensino-aprendizagem.

Inicialmente tivemos algumas dúvidas e dificuldades em relação à execução deste tipo de planeamento, no entanto com alguma investigação e análise mais aprofundada, aos poucos estas foram sendo eliminadas.

Após decisão pelo modelo de planeamento fizemos a caracterização deste, de forma a melhor entendermos o seu funcionamento.

Num primeiro momento do modelo surge o plano anual de turma em que nos ajuda a:

- Seleccionar objectivos a atingir;
- Definir prioridades de desenvolvimento;
- Estabelecer metas para cada etapa;
- Calendarizar ao longo do ano as actividades próprias de cada matéria.

No segundo temos o plano por etapas que serve para:

- Seleccionar as prioridades de desenvolvimento;
- Definir estratégias;
- Escolher as situações de prática;
- Definir o tipo de organização da etapa.

Depois temos o plano de unidade de ensino que serve para:

- Considerar os objectivos de etapa;
- Gerir os recursos;
- Organizar a turma;
- Antecipar problemas relacionados com a organização e a disciplina.

Por último temos o plano de aula, instrumento de apoio ao professor, permitindo definir objetivos, a matéria que será trabalhada, o material utilizado, o que será feito e quanto tempo vai levar. Proporciona uma organização que pode ser a diferença entre uma aula bem sucedida ou não.

O plano anual de turma é um plano geral, baseado na avaliação inicial dos alunos e da identificação das suas matérias prioritárias e não prioritárias, bem como as necessidades dos alunos. Após a sua identificação passámos à construção do plano anual de turma, que consiste em organizar as matérias prioritárias de acordo com as aulas previstas para que os alunos tenham oportunidade de evoluir ao longo do ano lectivo nessas matérias.

Na elaboração do plano anual de turma e das tarefas que lhe são associadas, o critério principal de selecção e operacionalização dos objectivos e das actividades formativas é o aperfeiçoamento efectivo dos alunos. Trata-se de formular as prioridades de desenvolvimento identificadas pela avaliação formativa (inicial e contínua).

Sendo assim, segundo Rosado 2002, o plano anual de turma deverá considerar alguns aspectos importantes:

- A actividade da turma ao longo do ano orienta-se para a realização do conjunto dos objectivos das matérias nucleares, de acordo com as decisões anteriores do Departamento de Educação Física e com a qualidade determinada pelas possibilidades de cada aluno.
- O professor deverá explicitar os objectivos aos seus alunos, negociando os níveis de desempenho para determinados prazos, na interpretação prática das competências prioritárias. É pois imprescindível que os alunos conheçam aquilo que se espera deles, os objectivos que perseguem, bem como a distância a que se encontram da sua concretização.

- Na organização dos processos de aprendizagem e aperfeiçoamento em cada matéria aplica-se o princípio segundo o qual a actividade formativa é tão global quanto possível e tão analítica quanto necessário. Entende-se por actividade global a organização da prática do aluno segundo as características da actividade referente – jogo, concurso, etc. Por actividade analítica entende-se a exercitação, o aperfeiçoamento de elementos críticos (parciais) das diferentes competências técnicas ou técnico-tácticas, em situações simplificadas ou fraccionadas da actividade referente.
- O plano anual de turma deve estruturar-se em torno da periodização do treino/elevação das capacidades motoras, que constituirá uma componente da actividade formativa em todas as aulas. As preocupações metodológicas ao nível do desenvolvimento das capacidades motoras deverão seguir os mesmos princípios pedagógicos das restantes áreas, a inclusividade e a diferenciação dos processos de treino de acordo com as possibilidades e limitações de cada um.

O objecto da primeira etapa de trabalho com a turma, no começo do ano lectivo, é a avaliação inicial, cujo propósito fundamental consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respectivo ano de curso, procedendo simultaneamente à introdução/aprendizagem dos resultados obtidos na avaliação inicial.

Para poder assumir as decisões de orientação e organização mais acertadas, o professor procurará, no contexto da aula de Educação Física (em que o ensino e a aprendizagem, o desafio e a superação são uma constante) e num período relativamente alargado, aperceber-se da forma como os alunos aprendem, do modo como se situam em relação ao programa previsto para o ano de escolaridade, e das suas possibilidades de desenvolvimento.

Ao mesmo tempo que o professor confronta os alunos com o programa do respectivo ano de escolaridade (com os ajustamentos introduzidos pelo Departamento de Educação Física), em todas as áreas da extensão da Educação Física, revê aprendizagens anteriores, consolida outras, relembra e/ou cria rotinas de aula, constrói um clima de aula favorável à aprendizagem. É também um período importante para melhorar a condição física dos alunos, particularmente por se seguir a um período de férias prolongado.

Em resumo, nesta etapa de trabalho o professor recolhe os dados que lhe permitem decidir sobre o modo mais eficaz de organizar a sua intervenção e a actividade dos alunos. Identifica:

- Os alunos que vão precisar de maior acompanhamento, que apresentam mais dificuldades;
- As matérias em que os alunos se encontram mais distantes do nível de objectivos do programa, e que deverão merecer mais atenção (no tempo e tratamento a disponibilizar);
- As capacidades motoras que merecem uma atenção especial (em alunos ou grupo de alunos);
- Os aspectos críticos no tratamento das matérias e na organização da turma, etc.

É também o momento em que o professor deve aferir as decisões tomadas para as grandes etapas do ano lectivo, identificar as prioridades e a forma de organização das etapas seguintes e da restante etapa (primeira etapa), de acordo com os objectivos estabelecidos para o ano.

Na segunda etapa, após todas as avaliações iniciais e introdução/aprendizagem começámos uma nova etapa em que pretendemos que os alunos adquiram novas aprendizagens, conhecimentos sobre a Educação Física, Saúde e Bem-estar, evoluam nas várias matérias e ainda que tenham uma melhoria da sua condição física através das aulas.

A terceira etapa que corresponde à consolidação e avaliação final ou sumativa iniciou-se do 3º período e serviu sobretudo para consolidar e aplicar as aprendizagens adquiridas ao longo do ano lectivo e evoluir um pouco mais do ponto de vista da condição física e do desempenho em determinadas matérias. Os alunos deverão conseguir aplicar no jogo e em exercícios critério, dirigidos para a complexidade do jogo, aquilo que aprenderam durante todo o ano lectivo. A comparação entre a primeira etapa e esta última etapa permite-nos com alguma segurança identificar a evolução dos alunos ao longo do ano (anexo 6).

É nesta etapa que conseguimos mais facilmente identificar aquilo que os alunos progrediram ao longo de todo o ano e perceber se as opções metodológicas foram as adequadas para a turma.

Abaixo encontram-se as tabelas do plano anual do qual foram retiradas as matérias leccionadas nas duas escolas respectivamente.

TABELA 1- Plano Anual 12º Ano 1ª Etapa– Escola Secundária Gabriel Pereira

Plano Anual 1ª ETAPA- Avaliação Inicial												
Unid. Ensino	1ª U E		2ª Unidade Ensino									
Aulas	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Aula 6	Aula 7	Aula 8	Aula 9	Aula 10	Aula 11	Aula 12
Matéria	Apresentação	Não houve aula devido ao pavilhão não estar pronto	Avaliação inicial andebol e futebol	Avaliação inicial da condição física	Andebol e Futebol	Avaliação inicial de Basquetebol e voleibol	Avaliação inicial de Basquetebol e Voleibol	Avaliação inicial de mini-trampolim e da capacidade física	Avaliação inicial de mini-trampolim, badminton e condição física	Avaliação inicial da condição física e jogo da bola ao capitão	Dança tradicional portuguesa	Avaliação de corfebol
Dia	3-Nov	6-Nov	10-Nov	13-Nov	17-Nov	19-Nov	24-Nov	27-Nov	4-Dez	11-Dez	15-Dez	18-Dez
Espaço /tempo	G	SE	G	SE	G	SE	P	G	G	P	SE	P
	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'

Unid. Ensino	2ª ETAPA - 3ª Unidade Ensino					2ª ETAPA - 4ª Unidade de Ensino					
	Aula 13	Aula 14	Aula 15	Aula 16	Aula 17	Aula 18	Aula 19	Aula 20	Aula 21	Aula 22	
Matéria	Não houve aula devido à requalificação dos espaços exteriores	Ginástica de aparelhos, mini-trampolim e plinto	Futebol e Rugby	Avaliação da condição física	Ténis e badminton	Dança tradicional portuguesa	Dança tradicional portuguesa	Tag Rugby	Dança e Voleibol	Futebol e Andebol	
Dia	12-Jan	15-Jan	19-Jan	22-Jan	26-Jan	29-Jan	02-Fev	05-Fev	09-Fev	12-Fev	
Espaço/tempo	E	P	G	SE	G	SE	P	G	P	G	
	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	

2ª ETAPA - 5ª Unidade de Ensino					2ª ETAPA - 6ª Unidade Ensino					
Aula 23	Aula 24	Aula 25	Aula 26	Aula 27	Aula 28	Aula 29	Aula 30	Aula 31	Aula 32	Aula 33
Tag Rugby	Ficha de avaliação teórica	Basquetebol	Elaboração de coreografia de dança	Elaboração de coreografia de dança	Não houve aula devido à requalificação dos espaços exteriores	Tag Rugby	Não houve aula devido à requalificação dos espaços exteriores	Tag Rugby	Não houve aula devido à requalificação dos espaços exteriores	Torneio inter-turmas de Tag Rugby
19-Fev	23-Fev	26-Fev	02-Mar	5-Mar	09-Mar	12-Mar	16-Mar	19-Mar	23-Mar	26-Mar
G	SE	P	SE	P	E	P	E	P	E	P
90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'

Plano Anual 3ª ETAPA - Consolidação/Avaliação																	
Unid. Ensino	7ª Unidade de Ensino						8ª Unidade de Ensino						9ª Unidade de Ensino				
	Aula 34	Aula 35	Aula 36	Aula 37	Aula 38	Aula 39	Aula 40	Aula 41	Aula 42	Aula 43	Aula 44	Aula 45	Aula 46	Aula 47	Aula 48	Aula 49	Aula 50
Matéria	Andebol e Basquetebol	Ginástica de solo	Badminton e Corfebol	Fitness-gram	Voleibol	Basquetebol e Futebol	Ténis de mesa e Corfebol	Fitness-gram	Ténis	Ginástica de aparelhos	teste	Mini-trampolim	corrida de velocidade e fartleck		Salto em comprimento triplo salto	aula livre	Aula livre
Dia	13-Abr	16-Abr	20-Abr	23-Abr	27-Abr	30-Abr	4-Mai	7-Mai	11-Mai	14-Mai	18-Mai	21-Mai	25-Mai	28-Mai	1-Jun	4-Jun	8-Jun
Espaço /tempo	G	SE	G	SE	P	G	P	G	SE	P	SE	P	E	P	E	P	E
	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'	90'

Na Escola Conde Vilalva também optámos por um planeamento por etapas.

Após a avaliação inicial o planeamento foi organizado tendo em conta o número de aulas; as matérias que deviam ser abordadas; os espaços; os períodos e as matérias consideradas prioritárias.

As matérias foram abordadas ao longo do ano em períodos diferentes e seguiram uma lógica progressiva. Para facilitar esse trabalho e sob forma de documento de apoio, segue ainda o planeamento realizado em cada matéria ao longo do ano, assim como o número de aulas destinadas a cada matéria especificamente.

Pretendemos justificar a forma de elaboração das etapas e unidades de ensino (EU), tendo sempre em conta a estrutura da turma e seguindo os princípios dos PNEF do 3º ciclo.

TABELA 2- Plano Anual 8º ANO - 1ª ETAPA - Escola EB 2,3 Conde de Vilalva

1ª Etapa - Avaliação Inicial											
Unid. Ensino	2ª Unidade de Ensino										
Aulas	Aula 1/2	Aula 3	Aula 4/5	Aula 6	Aula 7/8	Aula 9	Aula 10	Aula 11/12	Aula 13	Aula 14/15	Aula 16
Matéria	Apresentação. Normas e regulamentos da disciplina. Critérios de Avaliação	Avaliação inicial de velocidade 40m e 60m	Fitness Gram: Pesagem e medição, flexibilidade, força superior. Avaliação inicial de resistência	Fitness Gram: Força Superior e início da avaliação inicial do salto em altura	Avaliação inicial de Basquetebol, futebol e atletismo	Condição física, teste de resistência	Fitness Gram: Aptidão Aeróbica (teste do vai e vem)	Avaliação inicial de estafetas, lançamento do peso e voleibol. Corrida contínua, medição de	Fitness Gram: Extensão do tronco. Salto em altura. Continuação	Basquetebol: Gestos técnicos e aplicação dos mesmos em jogos reduzidos. Avaliação inicial de	Salto nos aparelhos; balanços com saída atrás na barra fixa.
Dia	16-Set	16-Set	21-Set	23-Set	28-Set	30-Set	7-Out	12-Out	14-Out	19-Out	21-Out
Espaço/tempo	G1 30'	G1 30'	G2 30'	G2 30'	G2 30'	G1 30'	G1 30'	P1 30'	P1 30'	G1 30'	G1 30'

1ª Etapa - Avaliação inicial					1ª Etapa - Introdução/Aprendizagem											
Unid. Ensino	2ª Unidade de Ensino				3ª Unidade de Ensino					4ª Unidade de Ensino						
Aulas	Aula 17/18	Aula 19	Aula 20/21	Aula 22	Aula 23/24	Aula 25	Aula 26/27	Aula 28	Aula 29/30	Aula 31	Aula 32/33	Aula 34	Aula 35/36	Aula 37	Aula 38/39	Aula 40
Matéria	Velocidade; Velocidade reação ao sinal sonoro, técnica de corrida. Futebol, gestos técnicos. Corrida contínua	Basquetebol: Drible de progressão e proteção. Jogo formal. Corrida Contínua	Voleibol: Gestos técnicos. Jogo com obrigatoriedade de dos três toques.	Voleibol: gestos técnicos. Jogo com obrigatoriedade de dos três toques.	Corrida de estafetas, transmissão e recepção de testemunho. Andebol, passe e desmarcação. Corrida Contínua.	Atletismo Corrida Cont. Corrida Vel. 1000m	Ginástica de solo, registo formal	Ginástica de aparelhos	Corrida contínua 1000m com tempos registos de andebol	Teste	Avaliação de Voleibol	Avaliação de basquetebol	Avaliação de Futebol Av. Velocidade	Corrida mata da escola	Avaliação de ginástica de aparelhos, trave e barra	Auto avaliação
Dia	26-10-2009	28-10-2009	02-11-2009	04-11-2009	09-11-2009	11-Nov	16 Nov.	18Nov.	23 Nov.	25 Nov.	30 Nov.	02-Dez	7 Dez.	9 Dez.	14-Dez	16-Dez
Espaço/tempo	P1 30'	P1 45'	G1 30'	G1 45'	P1 30'	Exterior 45'	G2 30'	G2 45'	P2 30'	P2 45'	G1 30'	G1 45'	P1 30'	P1 45'	G2 30'	G2 45'

1ª Etapa - Introdução/Aprendizagem								
Unid. Ensino	5ª Unidade de Ensino							
Aulas	Aula 41/42	Aula 43	Aula 44/45	Aula 46	Aula 47/48	Aula 49	Aula 50/51	Aula 52
Matéria	Estafetas, Futebol	Andebol	Ginástica de aparelhos, pelinto e bote e acrobática, solo. Fitnessgram, pesagem e medição	ginástica de aparelhos	lançamento do peso, Basquetebol	Estafetas	Fitnessgram, Vai-vem, abdominais Voleibol	Andebol
Dia	04 Jan.	06 Jan.	11 Jan.	13 Jan.	18 Jan.	20 Jan.	25 Jan.	27 Jan.
Espaço/tempo	P1 30'	P1 45'	G2 30'	G2 45'	P2 30'	P2 45'	G1 30'	G1 45'

A primeira etapa – Avaliação Inicial/Introdução e aprendizagem, constituída por cinco EU, corresponde apenas à apresentação dos alunos, sendo que uma aula

serviu para o preenchimento do questionário do aluno e apresentação da disciplina. Na segunda UE foi realizada a avaliação inicial às matérias nucleares. Esta avaliação tem o objectivo de identificar as aptidões/fraquezas dos alunos em cada matéria para, posteriormente, construir coerentemente o planeamento anual de turma. A terceira UE tem a ver com o início da introdução e aprendizagem, que ainda faz parte da primeira etapa. Na quarta UE realizaram-se as avaliações finais do primeiro período. Por último a quinta UE foi no início do segundo período e o final da primeira etapa.

TABELA 3- Plano Anual 8º Ano - 2ª Etapa- Escola Conde Vilalva

2ª Etapa - Aprendizagem e Desenvolvimento										
6ª Unidade de Ensino						7ª Unidade de Ensino				
Aula 53/54	Aula 55	Aula 56/57	Aula 58	Aula 59/60	Aula 61/62	Aula 63	Aula 64/65	Aula 66	Aula 67/68	Aula 69
Avaliação das estafetas. Futebol	basquetebol e corrida contínua	Ginastica de solo e acrobática	Salto em altura	Voleibol e registo	Lançamento do peso	Desportos de Raquetes	Ginastica de Solo e acrobática e registos	Teste	Registos do lançamento do peso e futebol	Corrida, treino intervalado, corridas dos 40 e 60 m - registo
				início do Tacão e bico	Desportos colectivos					
01 Fev.	03 Fev.	8 Fev.	10 Fev.	22 Fev.	01-Mar	03-Mar	08-Mar	10-Mar	15-Mar	17-Mar
P1	G2	G2	G2	G1	P1	P1	G2	G2	P2	P2
90'	45'	90'	45'	90'	90'	45'	90'	45'	90'	45'

2ª Etapa - Aprendizagem e Desenvolvimento			
Unid. Ensino	7ª Unidade Ensino		
Aulas	Aula 70/71	Aula 72	
Matéria	Registo do salto em altura	auto-avaliação	
Dia	22-Mar	24-Mar	
Espaço/tempo	G2		
	90'	45'	

A segunda e terceira etapa – Aprendizagem e desenvolvimento –, englobaram as restantes aulas previstas para o segundo período. Optámos por organizar esta etapa em duas UE, onde usámos os seguintes critérios de selecção das matérias.

- Cada UE possui sensivelmente sete aulas;
- Cada aula foi programada com o objectivo de dar mais incidência à matéria prioritária;

- Todo o planeamento da etapa foi regulado pelo espaço disponível, pois este facto condiciona fortemente a possibilidade de leccionação das várias matérias.
- As duas UE foram seleccionadas devido a umas serem mais específicas para a avaliação, apesar de avaliação ser contínua, realizamos no final do período um registo mais detalhado de cada aluno.

TABELA 4- Plano Anual 8ºAno - 3ª Etapa Escola Conde Vilalva

3ª Etapa - Consolidação e avaliação final																			
Unid. Ensino	8ª Unidade de Ensino									9ª Unidade de Ensino									
Aulas	Aula 73/74	Aula 75	aula 76/77	Aula 78	Aula 79/80	Aula 81	Aula 82/83	Aula 84	Aula 85/86	Aula 87	Aula 88/89	Aula 90	Aula 91/92	Aula 93	Aula 94/95	Aula 96	Aula 97/98	Aula 99	Aula 100/101
Matéria	mini trampolim e aparelhos	salto em comprimento	flooor, mini trampolim	Sequencia gimnica de solo	Andebol, corrida de 1000 m, salto em comprimento	Corrida de estafetas, basquetebol	Basquetebol, Andebol	Voleibol (jogo formal) espaço oficial	Futebol, velocidade 60 metros	Teste	Acrobática e sequencia gimnica	Apresentação final da sequencia gimnica	Tenis, salto em comprimento	Andebol, corrida continua	Badminton, voleibol	aula livre	aula livre	aula livre	auto avaliação
Dia	12-Abr	14-Abr	15-Abr	21-Abr	26-Abr	28-Abr	3-Mai	5-Mai	10-Mai	12-Mai	17-Mai	18-Mai	24-Mai	26-Mai	31-Mai	02-Jun	07-Jun	09-Jun	14-Jun
Espago/Tempo	G2 90'	P1 90'	G2 90'	G2 90'	P2 90'	P2 90'	G1 90'	G1 90'	P1 90'	P1 90'	G2 90'	G2 90'	P2 90'	P2 90'	G1 45'	G1 90'	P1 45'	P1 90'	

A terceira etapa – consolidação e avaliação final –, foi constituída por apenas duas UE de nove tempos lectivos na oitava UE e por dez tempos lectivos na nona UE. Esta etapa consiste na consolidação e avaliação final dos conhecimentos adquiridos nos dois períodos anteriores. Esta UE pretendeu ser um culminar das etapas anteriores. Foram utilizados princípios idênticos aos empregados nas etapas anteriores, para que todo o planeamento fosse estruturado e coerente.

Nesta escola ainda lecionámos algumas aulas à turma de 5º ano do 2º Ciclo para dar cumprimento à exigência da PES. Por estas terem decorrido num período avançado do ano lectivo, foi apenas seguido o plano anual de turma existente. Os planos de aula foram realizados de acordo com os planos anteriores, dando continuidade à matéria já leccionada e foram tomadas em conta todas as informações fornecidas quer pelo professor quer pelo colega estagiário responsáveis por essa turma.

Antes de dar início à leccionação, no período de integração, da Escola EB 2,3 Conde Vilalva observámos aulas leccionadas pelo Professor responsável para melhor adequar e dar continuidade às aulas anteriores.

“os olhos apenas vêem aquilo para que estão preparados para ver”.

André Leroi-Gourhan

A observação pode ser vista sobre dois prismas: observação do comportamento/atitude dos alunos e observação da atitude do professor, líder e exemplo a seguir.

A observação é uma técnica muito flexível e abrangente, na medida em que permite ao observador recolher uma diversidade de informações acerca dos vários alunos e ocorrências numa aula.

Para dar início à leccionação também foram elaborados planos para todas as aulas leccionadas.

Foi realizada uma reunião do núcleo de estágio para construir a estrutura do plano de aula a implementar pelos alunos estagiários em ambas as escolas (anexo 1). Essa estrutura foi aplicada em todas as aulas leccionadas. A título de exemplo anexa-se um plano de aula aplicado (anexo 2).

O plano de aula foi estruturado, tendo em conta os aspectos que identificam a aula tais como: a escola; o ano lectivo; o local; a turma; o espaço; a data/hora; o material; nº de alunos; a função didática e os objectivos da aula. Também foram contemplados aspectos de forma a otimizar a gestão da aula, nomeadamente: o tempo (total/exercício); a descrição específica; a representação esquemática e os critérios de êxito.

A estrutura da aula dividia-se em três partes: parte inicial, parte fundamental ou principal e por fim parte final ou retorno à calma.

3.2. CONDUÇÃO DE AULAS

No 1º Ciclo, concretamente na EB 1 e JI do Bacelo, o primeiro contacto com a escola foi acompanhado pelo Professor orientador da PES da Escola Conde Vilalva, Prof. Sérgio Magalhães, que apresentou a Prof^a. Sandra Castanho, titular da

disciplina deste 2º Ano que mostrou a escola e fez a apresentação aos alunos da referida turma.

Quanto à receptividade, os alunos pareceram entusiasmados com a presença do professor estagiário, sendo de prever, por ser uma situação nova, manifestaram também alguma irrequietude considerada própria dessa idade.

Como refere o *Manual de Educação Física (1992 p.1.8)* as metodologias e estratégias indicadas e adoptadas foram as seguintes:

- Proporcionar um número considerável de repetições em situações simples;
- Introduzir progressivamente elementos de dificuldade à excepção da habilidade;
- Variar as condições de realização da habilidade.

Segundo Pomar (2010a) no 1º Ciclo esta disciplina deve ter como características fundamentais, as seguintes:

- Variabilidade
- Diversidade
- Exploração de materiais
- Relações inter-individuais

Para os alunos prestarem atenção à informação fornecida esperou-se uns segundos até o ambiente tornar-se sereno de forma a que todos os alunos estivessem atentos. Também foram dispostos em “meia-lua” para poder ser visto e ouvido por todos.

Para garantir a segurança e não despender tempo, a preparação e arrumação dos materiais segundo o *Manual de Educação Física (1992 p. 1.8)* devem ser realizadas da seguinte forma:

- *Estabelecer e combinar regras de utilização dos materiais, através de jogos e sempre pela positiva, como por exemplo:*
 - *Distribuir as bolas ou outro material enquanto os alunos correm;*
 - *Na arrumação, enquanto os alunos correm o professor vai chamando um a um para colocar a bola no saco.*
- *Ensinar a designação dos vários materiais (arcos, bolas, cordas) e combinar o que se pode fazer com eles;*

- *Colocar-se nos locais onde as tarefas envolvam maior risco ou necessitam de mais ajuda, nomeadamente, enquanto os alunos saltavam para dentro dos arcos, foi nesse local que me coloquei;*
- *Verificar antes e depois da sua utilização o estado de conservação do material.*

A formação dos grupos não foi deixada ao critério exclusivo dos alunos tal como indica o Manual de Educação Física (1992 p. 1.9) esta teve como base:

- *Dar indicações de forma todos saibam o que fazer e com quem;*
- *Não perder tempo na constituição dos grupos (alunos a correr e formar pares, “rei manda”- todos os de camisola branca vão para perto do espaldar)*
- *Criar diversidade de interacções, variando os pares (num jogo de relaxamento foi utilizado jogo da “água e esponja”).*

Outra estratégia utilizada foi a de despender algum tempo a impor ou reforçar regras praticamente em todas as aulas pois, foi constatado que estas eram facilmente esquecidas ou não interiorizadas pelos alunos. Assim, foi conseguido o cumprimento das regras desde o início até ao final da aula.

Penso que estas estratégias foram as adequadas na medida em que os alunos demonstraram empenhamento e interesse na realização das actividades, com alguns períodos de dispersão e distração, o que considero normal devido à classe etária em questão. Daí a importância do dispêndio do tempo no início da aula, a impor regras de comportamento que acabou por ser produtivo.

Os recursos materiais utilizados foram todos os existentes na escola, concretamente:

- Espaço exterior e Ginásio com:
 - ❖ Arcos
 - ❖ Bolas vários tamanhos
 - ❖ Bola de esponja
 - ❖ Cordas
 - ❖ Pinos
 - ❖ Coletes
 - ❖ Lenços

Foram realizados planos de aula que é uma ferramenta do professor, deve ser entendido como um processo cíclico e prático o que lhe garante continuidade, havendo uma constante reavaliação de situações, propostas, resultados e soluções, conferindo-lhe assim dinamismo, baseado na interactividade, num processo contínuo de tomada de decisões, e como tal, não deve ser estático, mas sim adaptável.

A linguagem adoptada, conforme o Manual de Educação Física (1992) aconselha, ser breve, evitando longos discursos. Salientando apenas os aspectos fundamentais da habilidade, sem referir demasiados detalhes; acompanhar a explicação com a respectiva demonstração; pedir ao aluno para “dizer antes de fazer” para garantir a compreensão do que foi dito.

No 2º, 3º ciclo e secundário as aulas iniciavam com uma introdução ao conteúdo e objectivos da mesma para que os alunos pudessem ter uma participação activa. Na parte final da aula dispndia-se alguns minutos para avaliação dos objectivos, se foram ou não atingidos, esclarecimento de algumas dúvidas e preparação para as próximas aulas de forma a motivar os alunos.

Segundo o Programa de Educação Física 3º CEB (2001 p.23) *“O professor deverá explicitar os objectivos aos seus alunos, “negociando” com eles, níveis de desempenho para determinados prazos, na interpretação prática das competências prioritárias. É pois imprescindível que os alunos conheçam aquilo que se espera deles, os objectivos que perseguem, bem como a distância a que se encontram da sua concretização.”*

Apesar das aulas na Escola Gabriel Pereira terem dado início numa fase posterior, devido às obras, foi nesta que a leccionação ocorreu primeiro embora sem observação de aulas lecionadas pela titular da disciplina. Na EB 2,3 Conde Vilalva foram lecionadas menos aulas devido ao facto de alternar com um colega de estágio.

Relativamente ao plano anual de turma da Escola Secundária Gabriel Pereira o primeiro período sofreu muitas alterações devido às obras de requalificação da escola. Este apenas deu início no final do mês de Novembro. Em relação à Escola EB 2,3 Conde Vilalva o primeiro período decorreu de acordo com a PES ou seja de

uma forma progressiva que visava no início a observação de aulas posteriormente, ligeiros momentos de leccionação e por fim a leccionação e acompanhamento total da turma. Relativamente ao 2º e 3º periodo tudo decorreu como previsto, embora com algumas pequenas e pontuais alterações devido as condições climatéricas e à falta de água na escola.

Para facilitar a aprendizagem e a convivência escolar o mais agradável possível na sala de aula, procurou-se dialogar e combinar com os alunos sobre o que era feito, e como. Dessa forma, pretendeu-se fazer com que os alunos participassem no processo de decisão sobre o qual seriam avaliados e como seria desenvolvida a actividade e quais os objectivos a serem alcançados. Procurou-se tornar o processo o mais transparente possível, de forma que os alunos pudessem assumir a aprendizagem como uma responsabilidade individual também, compartilhada com o professor.

Esta decisão também está contemplada no Programa de Educação Física, 3º CEB (2001, p.10) que refere: *“no 11.º e 12.º admite-se, como regra geral, a escolha dos alunos/turma pelas matérias em que preferirem aperfeiçoar-se, sem se perder a variedade e a possibilidade de desenvolvimento ou «redescoberta» de outras actividades, dimensões ou áreas da EF. Assim, propõe-se que escolham, em cada ano (11.º e 12.º) duas matérias de Desportos Colectivos, outra de Ginástica ou de Atletismo, uma de Dança e duas das restantes”.*

Com base nas actividades descritas no Programa de Educação Física do 3º CEB, que se encontra no quadro nº 3, elaborou-se o quadro nº 4 para dar a conhecer aos alunos as matérias onde estes poderiam optar para serem avaliados.

Quadro nº 3 Extensao da Educação Física (Programa de Educação Física 3ºCEB, p 9)

I. ACTIVIDADES FÍSICAS DESPORTIVAS							2. ACTIVIDADES RÍTMICAS EXPRESSIVAS	3. JOGOS TRADICIONAIS POPULARES	4. ACTIVIDADES EXPLORAÇÃO NATUREZA
JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS	GINÁSTICA	ATLETISMO	RAQUETAS	COMBATE	PATINAGEM	NATAÇÃO			
Futebol Voleibol Basquetebol Andebol Corfábol Ruguebi Hóquei em campo Softbol/Basebol	Solo Aparelhos Ritmica Acrobática	Corridas Saltos Lançamentos	Badminton Ténis Ténis de Mesa	Luta Judo	Patim. Art. Hóquei Corridas	Natação	Dança Moderna Dança Tradicionais Portuguesas Danças Sociais Aeróbica	Infantis Outros	Orientação Montanhismo/ Escalada Vela, Canoagem, etc.
A. DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES MOTORAS CONDICIONAIS E COORDENATIVAS									
B. APRENDIZAGEM DOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO E MANUTENÇÃO DA CONDIÇÃO FÍSICA									
C. APRENDIZAGEM DOS CONHECIMENTOS RELATIVOS A INTERPRETAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NAS ESTRUTURAS E FENOMENOS SOCIAIS, EXTRA-ESCOLARES NO SEIO DOS QUAIS SE REALIZAM AS ACTIVIDADES FÍSICAS									

Dos desportos colectivos e facultativos em quatro possíveis tinham de escolher duas modalidades, nos desportos de raquete, em duas possíveis tiveram de optar por uma, na ginástica em cinco possíveis tinham de optar por uma modalidade (quadro 4).

Quadro 4 - Ficha de opções de avaliação

Nº Alunos	Matérias	COLECTIVOS (2)				RAQ. (1)		GIN./ATL.(1)					FACULTATIVOS (2)			
		Voleibol	Basqueteb	Futebol	Andebol	Ténis	Badm.	Solo	Acrobática	Aparelhos	S.alt.	C.V.	Rugby	Corfebol	Ténis M.	Dança
1																
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
...																

A disciplina de Educação Física por vezes também constitui um momento de descontração, de alívio de tensões acumuladas noutras disciplinas, por vezes é importante criar momentos mais lúdicos mas com ordem e método, fazendo lembrar aos alunos que Educação Física que não se trata de uma disciplina de lazer mas sim uma tão importante como as outras, embora pelas suas características práticas, seja menos formal.

Nas aulas foram incluídas actividades individuais, de pares, pequenos grupos ou que envolviam toda a turma de acordo com as matérias lecionadas. Ao observar que existiam atitudes da parte dos alunos com características predominantemente do comportamento colérico e sanguíneo (activas; reactivas e explosivas) alterava para uma actividade colectiva, estratégia que utilizada para obter o controlo da turma.

Outra estratégia utilizada foi a criação de uma regra que considerou-se eficaz, em ambas as escolas, de modo a reduzir o tempo no controlo das presenças/faltas e atrasos/faltas de material. Esta consistia na disposição dos alunos em “meia-lua” e por ordem numérica no início da aula.

O facto de ter na turma do 12º ano da Escola Gabriel Pereira uma aluna com deficiência auditiva total e consequente difícil comunicação verbal levou a desenvolver estratégias de comunicação quer para a compreender quer para fazer compreender. Assim, para além de estabelecer comunicação gestual a posição do professor era crucial para a comunicação, uma vez que a leitura dos lábios era para ela totalmente eficaz. Quando esta não era possível, utilizava-se gestos previamente combinados, tais como no jogo da “casa/inquilino”, quando “as paredes ruíam” tremia-se as mãos.

A partir de Janeiro também iniciámos a observação dos colegas estagiários.

Quanto à observação, o professor que não recorre a uma observação previamente estruturada e sistematizada tende a reter com muita imprecisão os elementos críticos da sua aula, manifestando a tendência para formar opiniões subjectivas sobre os factores que determinam o sucesso e/ou insucesso do seu desempenho (Lopes).

Segundo Gonçalves, Mourão & Aranha (2008) por vezes é difícil, para os professores ficarem com uma ideia da aprendizagem motora que os alunos vão tendo. Para tal é importante que haja fichas de observação motora.

De acordo com Mourão & Aranha (2008), todo o processo ensino-aprendizagem tem de ser visto como um processo dinâmico, com várias interacções complementares entre o professor e o aluno. Para tal, é vital que as cinco questões da didáctica estejam sempre presentes:

- A quem? - Objecto de avaliação.
- O quê? - Parâmetros de avaliação.
- Como? - Critérios de avaliação.
- Porquê? - Validade da avaliação.
- Que resultados? - (In) sucesso conseguido.

Como consideramos que a técnica de observação é muito utilizada mas pouco sistematizada levando a opiniões subjectivas, elaborámos fichas de avaliação inicial/observação dos alunos (anexo3).

Estas fichas permitem ao observador a recolha de evidências significativas que garantam, de alguma forma a qualidade da sua análise e interpretação.

Na construção destas fichas procurámos:

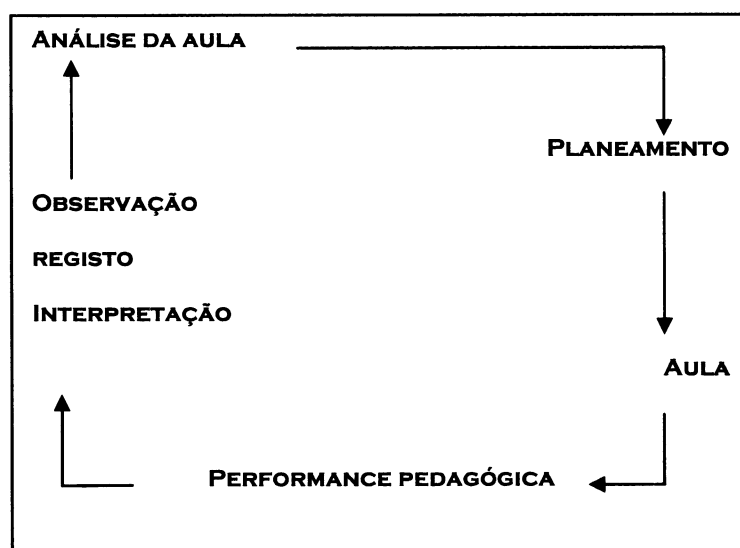
1. Especificar claramente o que se vai observar;
2. Seleccionar uma técnica particular levando em conta a sua relevância para as características ou desempenhos a observar;
3. Reconhecer as limitações de cada técnica de modo a fazer delas um uso adequado;
4. Ter sempre presente que a observação é um meio para atingir determinado fim, e não um fim em si mesmo.

Foram realizadas fichas de observação para as diversas modalidades a leccionar ao longo do ano. Como exemplo, nas fichas de avaliação inicial de Andebol foram considerados os seguintes indicadores/critérios:

- Enquadra-se ofensivamente;
- Dribla em progressão para finalizar;
- Remata se recebe a bola em condições favoráveis
- Desmarca-se oferecendo linha de passe;
- Marca o seu adversário directo colocando-se entre ele e baliza;
- Procura dificultar a progressão em drible, o passe e o remate.

Estas fichas, contribuem para diminuir o erro de observação e contemplam aspectos que foram considerados importantes pelos professores no planeamento das futuras aulas a leccionar (ver fig. 2).

Fig. 2 - Interacção do processo de análise adaptado de Garganta, J.



A ficha de supervisão do ensino dos colegas contempla indicadores/critérios tais como:

- Liderança, Organização e Controlo;
- Instrução;
- Mobilidade dos alunos para a actividade;
- Regulação dos exercícios;
- Concepção dos exercícios;
- Regras metodológicas.

Cada critério destes ainda é dividido noutros dois a três critérios mais específicos como as destrezas (anexo 4).

3.3. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

Segundo Arends (1995, p 3) aos professores *enquanto profissionais e peritos* “espera-se que sejam eficazes no sentido de auxiliarem os alunos a aprender competências e atitudes essenciais, para tal, deve recorrer a práticas educativas que se tenham mostrado eficazes.”

O êxito nas aprendizagens escolares depende, segundo Carreiro da Costa (1984, p. 22), “em grande parte, da qualidade do ensino, isto é, da competência do professor em criar condições de sucesso aos alunos.”

No 1º ciclo houve necessidade de alguns ajustes no plano de aula nomeadamente, ajustes de tempo dos exercícios porque os alunos necessitavam de mais tempo para concluírem o seu equipamento (ex: calçar meias anti-derrapantes, sapatilhas).

Também houve alteração do local da aula, de interior para o exterior devido a favoráveis condições climatéricas e considerar oportuno usufruir das actividades ao ar livre.

Na 5ª aula constatou-se que os alunos estavam muito inquietos e o plano foi alterado. Substituiu-se o exercício do jogo da bola andante, pois era um exercício onde ainda iria causar mais distúrbio na aula, por um exercício em que alternava o estado de exaltação com o de calma. Os alunos corriam e ao sinal sonoro tinham de

colocar-se em estátua, depois foram aplicadas progressões para trabalhar o equilíbrio e a coordenação: ao sinal sonoro, só podiam pôr uma mão e um pé no chão. O resto da aula correu como previsto e todos os outros exercícios decorreram bem, como aspecto positivo foi reforçado que não era importante o resultado mas sim a prestação de cada aluno. Esta informação foi bem acolhida pelos alunos.

Apesar do conhecimento destes alunos ser relativo, ainda permitiu identificar alguns aspectos a desenvolver tais como a noção do espaço, do tempo, da lateralidade corporal e daí planear outras actividades que consideradas mais adequadas. A título de exemplo para a 6ª aula foi planeado o “Jogo do espelho”, dois a dois, um fazia movimentos suaves e o outro imitava, depois trocaram.

Na correcção do desempenho, foi permitido a repetição antes de proceder às primeiras correcções; procurou-se ser afectuoso e sereno ao contrário de ríspido ou hostil; foram confirmados os efeitos da correcção valorizados e realçados os pequenos progressos.

Utilizou-se situações de simulação, tais como, num determinado exercício, o espaço delimitado entre duas cordas era um rio cheio de crocodilos, mantendo-os nas margens do mesmo, evitando que estes invadissem a área que se pretendia evitar e ao mesmo tempo trabalhavam a noção de espaço, factor este, pouco desenvolvido nesta faixa etária.

Procurou-se explicar os exercícios de uma forma simples e concisa de modo a que os alunos facilmente entendessem. Houve alguma dificuldade no controlo da turma o que obrigou a criar estratégias para solucionar este problema, mas de uma forma geral e após varias repetições, cumpriram as tarefas pedidas e alcançaram os objectivos.

Comparativamente com os outros ciclos de aprendizagem, no primeiro Ciclo a planificação, a instrução e as estratégias foram adaptadas essencialmente devido ao nível do desenvolvimento físico, psico-motor destes alunos.

Na planificação, as tarefas foram simplificadas tais como as instruções, mais curtas e mais repetidas. Foram dados mais feedbacks e as estratégias aplicadas foram essencialmente as que visavam a melhoria do controlo da turma e para reforçar a necessidade da arrumação do material.

Na avaliação do 2º, 3º ciclo e secundário, quanto ao planeamento anual por etapas no 2º, 3º Ciclo e secundário, foi considerado o seguinte:

A primeira etapa constituída por duas unidades de ensino (onze aulas) permitiu-nos na Escola EB 2,3 Conde Vilalva, conhecer os alunos e identificar as aptidões de cada aluno em cada matéria, bem como constatar matérias “Fracas/Fortes”, descobrir dificuldades/possibilidades dos alunos e definir as diferentes etapas para o ano lectivo. Na Escola Secundária Gabriel Pereira houve necessidade de sofrer algumas alterações devido a situações já descritas no capítulo anterior, tais como obras de requalificação da escola; condições climatéricas e falta de água. No entanto, segundo a literatura qualquer plano deve ser flexível e adaptável.

Na segunda etapa o planeamento foi cumprido com alguns ajustes e alterações. A única matéria não abordada foi a ginástica de aparelhos e paralelas assimétricas. Foi uma etapa bastante enriquecedora para os alunos já que tiveram a oportunidade de experimentar matérias que nunca antes tinham abordado em aulas de EF, como são a dança, e o rugby.

Na terceira etapa, por fim a última do planeamento, de revisão, consolidação e avaliação das matérias abordadas também sofreu algumas alterações nomeadamente a alteração da data do momento de avaliação dos conhecimentos a pedido dos alunos com o qual concordámos. Esta etapa incidiu fundamentalmente nos jogos desportivos colectivos, em situação de jogo formal ou jogo reduzido.

As necessidades de alterações aos planos de aula ocorreram devido a otimizar a gestão da aula e melhor satisfazer os alunos criando um bom clima, motivando-os para a prática de Educação Física não só para o ano lectivo em causa como tentando influenciá-los a seguirem bons hábitos de vida no futuro.

Uma das dificuldades que surgiu na fase inicial foi o tempo de espera dos alunos, no entanto rapidamente encontrou-se uma solução que foi a de aumentar os grupos de trabalho/estações.

De uma maneira geral considerou-se que foi conseguido um bom ambiente nas aulas, comprovado pela atitude positiva dos alunos que se mostraram interessados e motivados. Foi tão evidente a facilidade com que alguns alunos participaram com

afinco e presença de espírito, devido ao facto de gostarem da disciplina, assim como foram observadas dificuldades que outros tiveram para realizar as mesmas tarefas possivelmente por não se identificarem com a mesma. Ou seja eram alunos menos activos logo identificava-se uma predisposição negativa para a pratica da actividade física.

Na actualidade discute-se muito sobre os problemas da obesidade infantil e na adolescência, associados aos seus estilos de vida: alimentação e sedentarismo. É um facto que foi encontrado nalguns alunos com pouca disponibilidade motora, devido à atracção pelos video-jogos da actualidade onde os alunos despendem a maior parte do seu tempo livre, sentados e só desenvolvem as praxias finas. No entanto, de uma forma geral os alunos das turmas distribuídas conseguiram ultrapassar com alguma facilidade as dificuldades que lhes surgiam. O que permitiu aumentar o nível de complexidade das tarefas impostas.

A realização dos planos das aulas contribuíram muito não só para enquadrar os conteúdos programáticos pré-determinados nos PN como também significou prever de modo inteligente e bem calculado todas as etapas do trabalho escolar e programar racionalmente todas as atividades, de um modo mais seguro, económico e eficiente. Ajudou na seleção do material e das actividades; motivou os alunos e encorajou o professor. Assim, o plano de aula é um instrumento de trabalho que especifica os comportamentos esperados do aluno, os conteúdos, os recursos didáticos e os procedimentos que serão utilizados para a sua realização.

Os planos das aulas aplicados tiveram ainda como vantagens, as seguintes:

- Ajuda a memorizar a aula;
- Fornece um plano operacional;
- Divide os conteúdos em atividades cronologicamente equilibradas;
- Permite ter sempre o alvo em vista;
- Evita as surpresas.

4. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

4.1. ACTIVIDADES EXTRA-LECTIVAS

Considerando que a participação na escola passava pela organização de algumas actividades e relacionamento com a comunidade foram realizadas, pelo núcleo de estágio, a prova de BTT, a corrida Solidária e o Tag Rugby e ainda colaborámos noutras tais como: o Compal Air, o Kayak Indoor; Maratona/atletismo no âmbito do dia do não fumador.

4.1.1. Prova de BTT - Escola Conde Vilalva

A preparação da actividade de BTT foi iniciada em Novembro/Dezembro e foi desenvolvida em Março.

E actividade de BTT foi proposta a toda a comunidade escolar e teve como objectivo promover o permanente movimento da comunidade escolar. Decorreu num espaço extra escola, e contou com a presença da PSP (Polícia de Segurança Pública) para garantir a segurança dos alunos.

Para promover a continuidade e maior adesão à modalidade decidiu-se pedir apoios às principais empresas locais da região dessa área e desta forma dar mais impacto à actividade. Assim foram feitos alguns contactos às principais empresas da região, que prontamente apoiaram esta iniciativa.

Para esta actividade, definimos uma data para uma reunião na qual discutiu-se a forma como iria ser realizada: o percurso e as inscrições, abertas a todas as turmas.

A prova realizou-se na data prevista, onde contámos com catorze inscrições, um pouco aquém da nossa expectativa, devido às condições climatéricas adversas. À excepção do número de participantes tudo decorreu conforme planeado sem incidentes.

4.1.2. Corrida Solidária - Escola Conde Vilalva

A preparação da actividade da Corrida Solidária foi iniciada em Dezembro/Janeiro e desenvolvida no dia 26 de Março de 2010.

Segundo o Dec. Lei 240/2001 de 30 de Agosto na alinha f) do anexo IV do perfil de desempenho do Professor, este valoriza a escola enquanto pólo de desenvolvimento social e cultural, cooperando com outras instituições da comunidade e participando nos seus projectos.

Para a preparação da Corrida Solidária o Departamento de Educação Física reuniu e informou do projecto que passo a descrever:

“Corrida Solidária”, visou envolver toda a comunidade escolar, numa campanha de solidariedade, ou seja, o projecto teve como finalidade angariar fundos para ajudar crianças desfavorecidas em Timor. Foi realizada uma apresentação do projecto em todas as escolas do 1º ciclo do Agrupamento nº 4, com o objectivo de divulgar a actividade e criar um maior impacto ao nível das instituições.

Para a divulgação desta actividade junto das outras escolas do Agrupamento nº 4, foi elaborado um panfleto desdobrável para entregar junto das mesmas.

Tendo em conta que esta actividade foi realizada em conjunto com outros núcleos de estágio, distribuámos as doze escolas entres os alunos estagiários pertencentes ao núcleo, para entregar os panfletos de divulgação e esclarecer algumas dúvidas.

Nesta actividade estiveram presentes cerca de novecentos participantes apesar da chuva. Angariou-se cerca de 1500€ para o objectivo desta actividade. Houve ainda uma animação com música e dança junto da meta, local este que acabou por ser o ponto de encontro de todos os participantes da prova e que esteve bastante animado com a entrega das ofertas previstas no planeamento.

4.1.3. Tag Rugby – Escola Gabriel Pereira

A preparação e planeamento da actividade Tag Rugby foi iniciada em Outubro, posteriormente em Dezembro deu-se inicio à primeira fase que correspondia a uma acção de formação/ sensibilização a Professores, e por fim, a segunda fase realizou-se em Março o torneio de inter-turmas.

Esta actividade foi destinada à comunidade escolar da Escola Secundária Gabriel Pereira, visando a introdução do Rugby na escola. Foram realizadas acções de formação/sensibilização do Tag Rugby – Rugby adaptado a pisos duros.

Os objectivos desta actividade foram: divulgar e estimular a prática da modalidade na comunidade escolar e apresentar uma metodologia de ensino centrada no jogo com estratégias de ensino para os problemas mais frequentes.

O projecto foi composto por duas fases:

1ª - Formação e sensibilização de professores e alunos para o ensino e a prática do Rugby, realizado em Dezembro de 2009. Para esta fase preparou-se uma apresentação audiovisual e uma actividade prática a desenvolver nas instalações da Escola Gabriel Pereira. Para divulgação desta actividade elaborou-se um cartaz.

2ª – Realização de um torneio inter-turmas a realizar em Março de 2010, Para divulgação desta actividade também elaborou-se um cartaz.

A acção de formação de Tag Rugby aos professores da Escola Secundária Gabriel Pereira foi realizada em Dezembro com a participação de catorze professores de Educação de Física das escolas de Arraiolos, Évora e Reguengos. A acção de formação foi concretizada com uma apresentação em audiovisual, com a duração de cerca de uma hora, e mais uma componente prática, também esta com a duração de uma hora, conforme previsto no planeamento.

4.2. ANÁLISE DAS ACTIVIDADES EXTRA-LECTIVAS

Quanto à acção de formação aos professores da Escola Secundária Gabriel Pereira, 1ª Fase do projecto “Tag Rugby”, realizada em Dezembro, podemos considerar que esta actividade teve muito sucesso na medida em que os professores estiveram bastante interessados e empenhados, e que ficaram aptos a leccionar nas suas aulas a modalidade em causa, de modo a sensibilizar e preparar as suas turmas para o torneio inter-turmas a realizada em Março. Importa acrescentar que esta acção de formação foi creditada pela Federação Portuguesa de Rugby (FPR).

Quanto ao tempo da formação foi bem gerido na medida em que não foi ultrapassado e foi utilizado na íntegra.

Outro factor que contribuiu para alguma preocupação foi o alvo desta formação ser constituído por professores, alguns com muitos anos de experiência, no entanto considerou-se gratificante a atenção do grupo e as questões que foram colocadas que consideradas pertinentes e pensamos que foram dadas respostas adequadas.

Também foi grato o número de participantes, num total de catorze professores de Educação de Física, provenientes das escolas de Arraiolos, Évora e Reguengos e também pelo feedback demonstrado por eles.

No que diz respeito á actividade do Tag Rugby torneio inter-turmas, 2ª fase do projecto, considerou-se que foi muito produtiva ao nível da participação da comunidade escolar como em termos de conhecimentos e aprendizagem da modalidade abordada.

De realçar também a boa planificação, organização e estruturação da actividade, evitando a ocorrência de distúrbios e de problemas durante o torneio.

De referenciar a atitude demonstrada pelos professores/instrutores dinamizadores da actividade que conseguiram tornar esta ainda mais “divertida” mas sem desviar do seu objectivo principal.

Também considerou-se que os objectivos iniciais desta actividade foram cumpridos, tais como: divulgar e estimular a prática da modalidade na comunidade escolar e apresentar uma metodologia de ensino centrada no jogo com estratégias de ensino para os problemas mais frequentes.

Para concluir considerou-se esta actividade muito importante devido ao facto de ser um projecto elaborado para a comunidade escolar, tendo esta aderido, dando bases futuras para elaborações de actividades deste género.

Quanto às outras actividades Corrida Solidária e Prova de BTT, também foram gratificantes pois a primeira tinha um carácter solidário onde envolvia toda a comunidade escolar ou seja todas as escolas pertencentes ao agrupamento, bem como todos os funcionários e familiares dos alunos. A prova de BTT foi uma actividade para a comunidade da Escola Conde Vilalva.

Tendo em conta o número de participantes envolvidos nas duas actividades pode-se considerar que os objectivos préviamente definidos foram atingidos.

O papel de participante nos diferentes órgãos do Agrupamento nº4 e da Escola Secundária Gabriel Pereira foi encarado com presença activa nas reuniões de departamento e uma postura pro-activa e colaboradora.

5. ANÁLISE DA PRÁTICA DE ENSINO

Com o intuito de analisar a prática de ensino, considerou-se importante reflectir sobre a legislação. No Dec. Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto que legisla o perfil do desempenho do professor, refere-se, no capítulo II, à dimensão profissional, social e ética:

1 — O professor promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das acções concretas da mesma prática, social e eticamente situada.

2 — No âmbito do disposto no número anterior, o professor:

a) Assume-se como um profissional de educação, com a função específica de ensinar, pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa e enquadrado em orientações de política educativa para cuja definição contribui activamente;

b) Exerce a sua actividade profissional na escola, entendida como uma instituição educativa, à qual está socialmente cometida a responsabilidade específica de garantir a todos, numa perspectiva de escola inclusiva, um conjunto de aprendizagens de natureza diversa, designado por currículo, que, num dado momento e no quadro de uma construção social negociada e assumida como temporária, é reconhecido como necessidade e direito de todos para o seu desenvolvimento integral;

c) Fomenta o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena inclusão na sociedade, tendo em conta o carácter complexo e diferenciado das aprendizagens escolares;

d) Promove a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, de modo a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural;

e) Identifica ponderadamente e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação;

f) Manifesta capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, nas várias circunstâncias da sua actividade profissional;

g) Assume a dimensão cívica e formativa das suas funções, com as inerentes exigências éticas e deontológicas que lhe estão associadas.

Ao realizar uma introspecção tentou-se sempre promover aprendizagens curriculares fundamentadas e considerou-se que foram preenchidas todas as alíneas do mesmo disposto.

Quanto à dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida:

1 — O professor incorpora a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada da sua prática pedagógica, a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais.

2 — No âmbito do disposto no número anterior, o professor:

a) Reflecte sobre as suas práticas, apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos importantes para a avaliação do seu desenvolvimento profissional, nomeadamente no seu próprio projecto de formação;

b) Reflecte sobre aspectos éticos e deontológicos inerentes à profissão, avaliando os efeitos das decisões tomadas;

c) Perspectiva o trabalho de equipa como factor de enriquecimento da sua formação e da actividade profissional, privilegiando a partilha de saberes e de experiências;

d) Desenvolve competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspectiva de formação ao longo da vida, considerando as diversidades e semelhanças das realidades nacionais e internacionais, nomeadamente na União Europeia;

No contexto anteriormente descrito também foi sempre feita pesquisa bibliográfica e foi procurada informação bem como partilhada, quer junto de profissionais da área e outros, com maior experiência, quer junto dos colegas de modo a tomar decisões fundamentadas e acertivas. Da mesma forma ao longo da vida foram tomadas atitudes e práticas reflectidas com a finalidade de melhorar e desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais.

O professor precisa, ainda, estar atento para perceber as contradições do grupo, as dificuldades, as frustrações, as identificações com a aprendizagem, enfim, perceber as características mais evidentes do grupo de alunos e utilizar estratégias para novas saídas assim como dar feedbacks atempados de forma a motivar o aluno e levá-lo na direcção correcta.

Controlar a qualidade do ensino constitui um dos objectivos da observação da aula, contribuindo para diferenciar as opiniões e preconceitos dos factos.

Desta forma, na aplicação das “fichas de avaliação inicial”, observação do desempenho dos alunos nas várias matérias, foi constatado que foram muito úteis para o planeamento das aulas futuras, na medida em que nos apercebemos do nível de aptidões dos alunos e assim adequar eficazmente o conteúdo ao nível dos mesmos.

Neste momento uma das principais dificuldades encontrada, é devido ao facto do planeamento ser por etapas, isto é, na mesma sessão são dadas actividades distintas em simultâneo, apesar da correcta colocação do professor, mantendo contacto visual com toda a turma, é difícil dar a devida atenção atempada a grupos distintos.

Houve alguma facilidade de comunicação com o grupo de alunos, conseguida autonomia e consequente controlo sobre a turma.

6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

O professor eficaz, segundo Arends (1995), é o que é capaz de estabelecer uma boa relação com os alunos e contribuir para a criação de um meio aceitante e facilitador do desenvolvimento pessoal. Para outros, é uma pessoa com fascínio pela aprendizagem e que domina superiormente um conteúdo escolar específico. Outros, ainda, defendem que o professor eficaz é aquele que consegue canalizar a energia dos alunos para a construção de uma ordem social mais justa e humana.

Assim, um ensino eficaz requer indivíduos academicamente capazes, proficientes nas matérias que devem ensinar e que se preocupam com o bem-estar das crianças e dos jovens. De igual modo, implica que os professores sejam capazes de obter resultados, essencialmente os respeitantes aos resultados escolares e aprendizagem social dos alunos. No entanto, também são essenciais outros atributos, tais como: conhecimentos; domínio de práticas educativas; atitudes de reflexão democrática e orientada para a resolução de problemas e por último encarar o “aprender a ensinar” como um processo contínuo orientado para a optimização das suas capacidades docentes e das escolas onde trabalham.

É comum ouvirmos que os alunos de “hoje” não se sentem motivados por aquilo que a escola pretende ensinar, não sentem interesse em aprender e em participar nas aulas.

A primeira questão que mais me intrigava na prática da sala de aula é a da relação do aluno com o interesse para a prática de actividade física. A mesma que houve oportunidade de ouvir nas conversas na sala dos professores, o crescente desinteresse do aluno.

No dia-a-dia na sala de aula deparamo-nos com alunos que parecem (e muitas vezes admitem) que vão à escola por obrigação, por imposição dos pais, esta situação é mais evidente na EB 2,3 Conde Vilalva. Cria por vezes situações difíceis na sala de aula, pois muitas vezes o “professor” não sabe como agir. Daí a integração começar pela apresentação aos professores e alunos e utilizar a técnica de observação de momentos lectivos nos quais tanto eram observados o comportamento/atitude dos alunos como a atitude do professor enquanto líder e

ainda como resolvia os “comportamentos desvio” dos alunos. Por algumas vezes houve confronto com situações destas, assim, houve tentativas de uma maneira ou de outra minimizar o problema, algumas vezes com algum retorno satisfatório, outras nem tanto.

Dentro de uma sala de aula existe uma pluralidade de pessoas que possuem, cada uma, um modo de ser, agir e pensar com culturas e educações diferentes.

Mesmo considerando hipóteses e avaliando os gostos e personalidades de cada aluno, não é possível que a turma realize uma actividade proposta com prazer homogéneo.

Cada aluno tem ritmos e gostos diferentes, reage, elabora e lida de forma única com as informações que recebe e dessa mesma forma é que constrói e adquire aptidões/experiências físicas. Até mesmo porque tal homogeneidade limitaria os diferentes conhecimentos e a diversidade cultural que muito contribuem para enriquecer o ambiente escolar.

O caminho para a solução desse desafio está articulado à metodologia de ensino que deve ser usada pelo professor em sala de aula. Tem a ver com a maneira como o conteúdo é tratado, com a articulação que se faz desse conteúdo às situações de vida dos alunos, de modo que estes saibam porque estão a praticar esta ou aquela modalidade.

Se a prática pedagógica utilizada pelo professor em sala de aula é maçante e desmotivadora, dificilmente suscitará no aluno a vontade e o prazer por estar ali, pois ele, aluno, poderia estar a jogar “playstation”, na rua, a ver TV ou a navegar na Internet.

Todas as pessoas possuem um potencial próprio, constituído e desenvolvido nas suas relações com as pessoas e com o mundo.

O papel do professor de Educação Física é transmitir aos alunos o gosto pela prática da actividade física e ao mesmo tempo apresentar-lhes/demonstrar-lhes uma panóplia de matérias e habilidades motoras com as quais os alunos se possam identificar, mantendo assim um hábito de vida saudável. Ao contrário do que por vezes se observa, uma “afincada” especialização em todas as matérias leccionadas levando à desmotivação e conseqüente abandono da pratica de actividade física.

O professor deve transmitir entusiasmo de forma genuína e verdadeira através da sua postura, tom e melodia de voz, contagiando os alunos. Deve acreditar naquilo a que se propõe desenvolver com a turma, sejam esses conteúdos pré-determinados, hierarquizados ou não.

Foi sentido ao longo deste estágio que por vezes não houve uniformidade de informação e de critérios definidos e atempados como seria de esperar. Por vezes a informação relativa ao estágio foi “desviada” levando à duplicação de trabalho.

Após um ano lectivo de estágio, iniciado de uma forma gradual, houve experiências enriquecedoras tendo como base a colaboração e o apoio dos orientadores.

No entanto existe ainda uma grande margem de progressão e espera-se que a experiência e o empenho permitam melhorar as capacidades como professor.

7. CONCLUSÃO

Como é comum ouvir e dizer, em educação não existem fórmulas mágicas e também não foram encontradas, até mesmo porque cada turma de alunos é única, cada realidade é diferente da outra e dificuldades e desafios surgem todos os dias, sendo preciso continuamente retomar o processo. Além disso, talvez mesmo, nesse processo de reflexão, foram encontradas mais dúvidas do que soluções e, por isso, as dúvidas continuam.

Essa sensação do inacabado deve fazer parte da rotina do professor, levando-o a uma evolução constante, aprendendo cada vez mais sobre si, os seus limites e possibilidades. O que foi constatado nesta pequena experiência foi uma prática mais consciente e um respeito maior, por nós mesmo, enquanto profissional da educação, e pelos alunos, enquanto sujeitos activos no processo de ensino/aprendizagem.

O professor precisa tomar consciência do seu papel, precisa reconhecer-se e valorizar-se como sujeito activo e capaz de transformar a sua realidade. Para isso, faz-se através de uma atitude questionadora e reflectida, numa tomada de consciência de que podemos ocupar um importante lugar na resolução daquilo que acontece dentro e fora da sala de aula e na tomada de responsabilidade de nosso próprio desenvolvimento profissional.

Para concluir será oportuno reforçar a ideia de que é de experiência em experiência que o professor vai consolidando a sua capacidade de observador, conseguindo progressivamente gerir com maior eficácia a diversidade de episódios pedagógicos que ocorram na aula.

Parece pertinente atribuir à observação um papel determinante na regulação do processo ensino/aprendizagem, na medida em que integra e regula a maioria das decisões do professor na condução das suas aulas.

Ao longo deste estágio houve uma atitude humilde; honesta; colaboradora e pro-activa, quer com professores, orientadores, alunos, funcionários, ou até mesmo colegas estagiários.

Pensamos que foram atingidos os objectivos definidos inicialmente neste relatório e consideramos que foi importante ter sido feito na medida que exigiu um relembrar de situações vividas e uma análise de decisões tomadas na altura, podendo estas servirem de exemplo para o futuro.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arends, Richard L. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal Lda
- Carreiro da Costa, Francisco (1984). O que é um ensino eficaz das actividades físicas no meio escolar? *Horizonte*, 1(1), 22-26.
- Carreiro da Costa, Francisco (1996). Condições e factores de ensino-aprendizagem e condutas motoras significativas: uma análise a partir da investigação realizada em Portugal. *Boletim SPEF*, 14, 7-32.
- Crum, Bart (1993). A crise de identidade da educação física ensinar ou não ser, eis a questão. *Boletim SPEF*, 7/8, 133-148
- Crum, Bart (2002). Funções e competências dos professores de EF: consequências para a formação inicial. *Boletim SPEF*, 22, 61-76
- Cruz, Sebastião; Carvalho, Lídia (1992). *Manual de Educação Física 1º Ciclo do Ensino Básico*. Oeiras: Publicidade e Artes Gráficas Lda.
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico 1º Ciclo (2ª ed.)*. Editorial do ME.
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2001). *Programa de Educação Física do 3º ciclo do ensino básico (Reajustamento)*. Editorial do ME
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2003). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais* (pp.219-229). Editorial do ME.
- Gonçalves, Mourão & Aranha, A. (2008). *Ficha de Observação/Avaliação Motora. Motricidade*, 4(4), 81/89

- Jacinto, J. (Coordenador); Carvalho, L.; Comédias, J.; Mira, J. (2001). *Programas de Educação Física do 10º, 11º e 12º anos*. Editorial do ME/DES.
- Ministério da Educação (2001). Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto: *Perfil do desempenho do Professor*, Diário da República - I SÉRIE-A N.º 201, 5569 – 5572.
- Ministério da Educação (2005). Despacho normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro: *Avaliação*, Diário da República - I SÉRIE-B, N.º 3, 71-76.
- Ministério da Educação (2010). Despacho normativo nº 6/2010 de 19 de Fevereiro: *Avaliação*, Diário da República, 2.ª Série, N.º35, 7462- 7467.
- Peralta, M.H. (2002). Como avaliar competências? Algumas considerações. In P. Abrantes e F. Araújo (Coords). *Reorganização Curricular do Ensino Básico-Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas* (pp.27-33). Lisboa: Editorial do ME/DEB.
- Pomar, Clarinda (2008). *As tarefas motoras na infância. Educação e Expressão Físico-Motora*. Material de apoio distribuído no módulo Prática de Ensino Supervisionada. Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade de Évora, moodle 2009/2010.
- Pomar, Clarinda (2010a). *Programas Nacionais de Educação Física*. Material de apoio distribuído no módulo Prática de Ensino Supervisionada. Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade de Évora, moodle 2009/2010.
- Pomar, Clarinda (2010b). *Avaliação em educação física*. Material de apoio distribuído no módulo Prática de Ensino Supervisionada. Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade de Évora, moodle 2009/2010.
- Pomar, Clarinda. *Fundamentos e enquadramento normativo da intervenção no 1º CEB*. Material de apoio distribuído no módulo Prática de Ensino Supervisionada. Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade de Évora, moodle 2009/2010.

- Teixeira, Manuela (1995). *O professor e a escola - Perspectivas organizacionais*. Lisboa: McGraw-Hill.

Sítios de internet

- *Dicionário da Língua Portuguesa*. Acedido em 19 de Setembro de 2010 em www.priberam.pt/dlpo/
- Educação na Aldeia, Textos sobre Educação. *Características psicológicas da criança de 6 e 7 anos*. Acedido em 27 de Outubro de 2009 em <http://educacao.aaldeia.net/psicologia-crianca-67-anos/>
- LOPES, Ricardo. *Observação versus observador (processo e produto)*. Acedido em 5 de Novembro de 2009 em http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/public/elo7/elo7_49.htm
- NETTO, Marilena. Acedido em 27 de Outubro de 2009 em <http://artigosdepsicologia.wordpress.com/2007/10/20/a-mente-dos-7-a-8-anos/>
- PAIM, Cristina. ROSSI, Daniel (2008). *Perfil psicológico de estudantes na faixa etária de 15 – 17 anos praticantes de atividade física em uma escola da rede pública de Santa Maria*. Acedido em 27 de Outubro de 2009 em <http://www.efdeportes.com/efd125/perfil-psicologico-de-estudantes-praticantes-de-atividade-fisica.htm>
- ROSADO, Antonio (2002). *Planeamento da Educação Física: Modelos de Leccionação*. Acedido em 17 de Junho de 2010 em [http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos 2002 1 ficheiros/ frame.htm](http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos%202002%201%20ficheiros/frame.htm)

ANEXOS




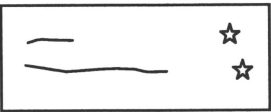



Escola Secundária Gabriel Pereira
Departamento de Educação Física e Desporto
Núcleo de Estágio de Educação Física
Plano de Aula / Ano Lectivo 2009/2010



Professor: Nuno Lobo	Turma:	Data:
Aula nº:	Nº de alunos:	Hora:
Ano Lectivo: 2009 / 2010	Material:	Espaço:
Função Didáctica:	Unidade didáctica:	
Objectivo específico:		
Objectivo operacional:		

Tempo total	Tempo Exercício	Descrição Específica	Representação Esquemática	Critérios de Êxito	Material
Total:					
Observações:					

Professor: Nuno Lobo	Turma: 8ºE	Data: 16/03/2010
Aula nº: 69	Nº de alunos: 17	Hora: 11h50 – 12h35
Ano Lectivo: 2009/2010	Material: Pinos, apito, pista de atletismo.	Espaço: P2
Objectivo da Etapa: Aprendizagem e desenvolvimento.		
Objectivo específico: Registo dos 40 e 60 metros, Fartlek.		

Tempo total	Tempo Exercício	Descrição Específica	Representação Esquemática	Critérios de Êxito	Material
5'	5'	<u>Aquecimento:</u> Mobilização Geral, 2 voltas ao campo. Mobilização articular. Alongamentos específicos para a modalidade.			
5'	3'	<u>Tempo de reacção:</u> Exercícios de explosividade de velocidade de reacção. Ao sinal sonoro os alunos deitados, sentados no chão correm para os cones.		Ao sinal sonoro ser o mais rápido possível a chegar ao pino	Pinos, apito
8'	20'	Registo dos 40 e 60 metros, corrida de velocidade.		Realizar a tarefa no menor tempo possível.	Bolas de futebol, pinos
28'	10'	Fartlek, treino de corrida intervalada.		Controlar a velocidade da corrida.	Pista de atletismo.
38'	2'	Retorno à calma, conversa com alunos, alongamentos.			

Observações:

Critério de êxito	Andebol - Data											
	Introdutório											
Turma: 8 ^º E	Enquadra-se ofensivamente		Drible em progressão p/ finalizar		Remata se recebe a bola em condições favoráveis		Desmarca-se oferecendo linha de passe		Marca o seu adversário directo colocando-se entre o adversário e a baliza		Procura dificultar a progressão em drible, o passe e o remate	
	Nomes:	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F
A	x		X		X		X		X		X	
B		x		X		X		X		X		X
C		x		X	X			X		X		X
D	x		X			X	X		X		X	
E	X		X		X		X		X		X	
F		X	X		X		X		X		X	
G	-	-										
H		X		X		X		X		X		X
I	X			X		X	X		X		X	
J	X		X		X		X		X		X	
K		X	X			X	X		X		X	
L	x			x	X		X		X		X	
O	X			X	X		X		X		X	
P	X			X	X		X		X		X	
Q	X			X	X		X		X		X	
R	X			X		X	X		X		X	
S	x			x	x		X		X		X	
T												
Observações:												

Ficha de Observação - Intervenção Pedagógica

Professor Observado: _____

Data da observação: _____

Objectivo da Etapa: _____

Hora: _____ : _____

Matérias leccionadas: _____

U. Ensino Nº _____

Observador: _____



Dimensões	Destrezas	Ocorrência				Nota	Observações
		Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca		
Liderança, organização e controlo	Não se observa dispersão dos alunos	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca		
	Não permite a repetição de distúrbios ou comportamentos inapropriados por parte dos alunos	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca		
	Coloca-se e circula de modo a manter o controlo do grupo	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Prepara atempadamente todas as tarefas organizativas da aula	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
Instrução	Explica claramente os exercícios utilizando uma linguagem acessível aos alunos	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Respeita o princípio pedagógico da actividade consciente	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Capta a atenção dos alunos durante a instrução, não perdendo tempo com informação supérflua	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
Mobilização dos alunos para a actividade	Estimula as atitudes de empenho dos alunos	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Utiliza tom de voz e expressões mobilizadoras	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Solicita a superação constante dos alunos na realização das tarefas	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
Regulação dos exercícios	Utiliza adequadas estratégias de correcção dos alunos	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Intervém com qualidade e pertinência durante os exercícios	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Adapta as variáveis dos exercícios de forma a permitir a eficácia da aprendizagem	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
Aspectos metodológicas	Concebe e operacionaliza propostas de exercício adequadas aos objectivos da aula	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Concebe e operacionaliza propostas de exercício com complexidade ajustada ao nível dos alunos	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Respeita o princípio da progressão dos exercícios ao longo da aula	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
	Respeita a estrutura e os objectivos de cada fase da aula	Sempre	Mts vezes	Raramente	Nunca		
TOTAL (51 pontos)							

Escala de classificação: 0 - Nunca 1 - Raramente 2 - Muitas vezes 3 - Sempre

NOTA FINAL: _____



Escola Secundária Gabriel Pereira
Departamento de Educação Física e Desporto
Núcleo de Estágio de Educação Física
Ano Lectivo 2009/2010
Ficha de Avaliação Formativa



Professor:				
Ano/Turma:	Aula n.º:	Data:	Hora:	Tempo:
Local:	N.º de Alunos:	Unidade Didáctica:		
Materiais:				
Conteúdos:				

Nº	Nome do aluno	Pont/Assid.	Empenho	Aproveitamento	Comportamento
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					

Ficha de Avaliação Sumativa

nº	nome	sexo*	ACTIVIDADES FÍSICAS (60%)				APTIDÃO FÍSICA (20%)			CONHECIMENTOS (20%)			CLASSIFICAÇÃO FINAL (níveis)	
			NI	I	E	A	Nota	idade	<i>Vaivém</i> voltas	ZSAF?	0-20 Valores	classificação		classificação
1								110		?		0	insrir valore	0
2								110		?		0	insrir valore	0
3								110		?		0	insrir valore	0
4								110		?		0	insrir valore	0
5								110		?		0	insrir valore	0
6								110		?		0	insrir valore	0
7								110		?		0	insrir valore	0
8								110		?		0	insrir valore	0
9								110		?		0	insrir valore	0
10								110		?		0	insrir valore	0
11								110		?		0	insrir valore	0
12								110		?		0	insrir valore	0
13								110		?		0	insrir valore	0
14								110		?		0	insrir valore	0
15								110		?		0	insrir valore	0
16								110		?		0	insrir valore	0
17								110		?		0	insrir valore	0
18								110		?		0	insrir valore	0
19								110		?		0	insrir valore	0
20								110		?		0	insrir valore	0
21								110		?		0	insrir valore	0
22								110		?		0	insrir valore	0
23								110		?		0	insrir valore	0
24								110		?		0	insrir valore	0
25								110		?		0	insrir valore	0



HTL